

As Calças
Lévi-Straüss

Victor Mota

1.

As calças não são calças se não estiverem vestidas. De resto, apenas deixam espaço para pensar nos fundilhos. Que não são calças, de alto a baixo. De resto, têm a marca, pode-se ler, Lévi-Strauss, não o antropólogo, mas o das calças, que na verdade não sei se será uma e a mesma pessoa, sendo que o antropólogo nunca terá sequer usado umas de ganga. Portanto, quem fundou as calças sob esse nome, terá sido um industrial sob o mesmo nome, de família não sei. No primeiro dia que cheguei à minha nova morada, paga pelo trabalho do meu pai, no meio de tipos que nunca andaram nas obras, sejam elas da construção seja as das letras, o tipo da frente foi dizer mal de mim para a esquina. No primeiro dia. Lisboa está cheia de chusma como esta, que não fazem nem dizem fazer. Há tipos que têm inveja que outros pensem superiormente a eles, seja porque nunca foram afoitos às universidades, seja porque não conseguem tirar tutano nenhum da vida. Depois de o gajo estrebuchar um bocadito, ora porque disse mal de mim, ora porque queria a minha irmã, o tipo precisava de falar ao telefone com alguém para perceber o meu comportamento. Burro. Outro burro, o padre, quando fui à missa pensou que não queria falar com Deus, mas com ele, que lhe queria pedir ajuda, mais, que era maluco e o queria matar? Eu? A um padre? Sigo a minha fé independente dos padres, a maioria frustrados sexualmente, que não se assumem, vêm o sacerdócio como um emprego, mandei-lhe um email, pois claro que fiquei lixado, até deixei de ir à Missa, quem devia pedir ajuda era ela, mas a um psiquiatra, que eu não estou para aturar essas mãozinhas gay a dar e dar no ar. Mas, se calhar, só para o chatear, vou lá amanhã.

Nesses dias, embora não tivesse tanta inspiração como dantes, não fosse tão produtivo, tinha ainda bastante energia e ideias e continuava, em toda a linha a ser escandalosamente injustiçado, talvez por ter demasiadas ideias próprias, talvez por pensar, como poucos, pela minha própria cabeça. Por isso, fui, a pouco e pouco, cada vez mais desejando os empregos dos outros, o poder dos outros, as palavras e conceitos dos outros. Mesmo os autores, em quem muitos intelectuais portugueses e cineastas se refugiava, não me diziam grande coisa, porque via que, cada vez mais as minhas ideias faziam, antes de mais para mim próprio, bastante sentido. Tudo o que eu tinha parecido com um romance era uma amiga na fronteira com Espanha...

Enquanto o padre me expulsava da sua Igreja, eu notava em dois pormenores importantes na disposição dos objetos votivos: o sacrário estava numa aba lateral. Enquanto na nave central não havia cruz, apenas uma pala mais ou menos amanhada. Em vez de me criticar, mandar bocas e insultar em plena cerimónia, o padre deveria ter isso em conta. Creio eu, na minha posição de mero fiel... De repente, eu estava ali todo excitado pelo clitóris de uma velha de sessenta anos que estava na fronteira de Espanha. Que tolo era eu, já deixara absolutamente de ser antropólogo, no entanto ainda tinha consciência de o ser mais do que nunca, éramos todos missionários ou peregrinos num mundo imenso que nos tem tanto para dar. E, nos meus sonhos molhados, sonhava com a Sofia Alvez, enquanto falava com a velha... Eu era essencialmente um grande escrito, maior do que muitos, porque não me preocupava especialmente com o que a minha mãe pensava, ou seja, não era um menino da mamã, como muitos em Moscat, na generalidade de Lisboa, em Vermont. Tinha vestido as cuecas ao contrário e só no final da noite o percebera, pelo que fui ainda a tempo de as virar porque ainda não havia ido à retrete.

3.

Parece que é tóina, não ajuda nem deixa ajudar, parece que gosta de me torturar. Essa mazela no meu espírito.

Sim, parece que fui novamente e Portel e estive debaixo de um chaparro, afinal sou reformado, juntamente com Bládia, a minha prima, com a qual consigo grande entendimento e diatribe, não é preciso dizer intelectual, mas psíquica, de empática, de comunhão, como se eu fosse ela, como se ela fosse eu. Sim, depois de ter duvidado da sua amizade, cimentei a nossa amizade, com a minha afilhada Márcia à vista, esbelta e serena como uma pomba. E continuava só, espartilhado, ainda eu contra o mundo, tentando perceber o que se havia o que se havia passado nos tempos da juventude, como deixara, por incúria e falta de respeito dos meus professores, deixado de ser um grande académico ou apenas devido à minha personalidade, que não aguentava mais tanta palhaçada, tudo sem ordenamento e planeamento algum, feito sempre em cima do joelho, à luz das circunstâncias...

4.

Ao fim de tudo isto, vai-se provar que eu é que estou são, que sempre fui mais saudável do que os outros e de que a maior parte andou por aqui para inglês ver, ou seja, era tudo fogo de vista, em relação sobretudo ao conflito das faculdades, mas não só, em relação ao emprego e ao hospital, onde ninguém me deu a mão. Enquanto isso, na cidade das putas e dos chulos, tudo continua bem, todos disfarçam que está tudo bem e ninguém pega nisto porque simplesmente não tem ponta por onde se lhe pegue. Afinal, de que te serve teres emprego de sucesso, muitas mulheres, muita fama, se não és feliz? Se não tens espiritualidade, se não sabes sentir o cosmo em ti? Se não acreditas que há coisas e ideias superiores a ti? Se não te posicionas em função de uma Força Superior criadora de ti mesmo? Bad boy...

5.

Entretanto, porque não posso deixar de contar com a ajuda do meu irmão e da minha irmã, o que me permite manter vivos certos sonhos ou apenas a vontade de comer, porque nem eles nem o meu cunhado percebem coisa alguma de óculos, enquanto eles e outro têm seus trabalhos e filhos, eu tenho as minhas coisas, não vejo por que uma coisa há-de ser superior à outra, lembrando os ridículos gays que criam filhos sem os fazerem só para mostrar à sociedade, como se ela fosse um laboratório mais ou menos marciano da vida em sociedade. Não confio no meu cunhado. Ponto. Acho que, por mais que esforce, nunca confiarei. É uma força estranha ao meu pensamento, que eu nego. E não é pela minha irmã, ela que se amanehe que quase acabou com tudo, quem sabe por influência dele, que me quer liquidar e me vê como arquinimigo não sei bem por que causa...

Depois, descobri o que tinha a fazer, não uma pepita de ouro que me permitiria chegar lá mas a ideia de como chegar lá, a um cargo de Professor fosse onde fosse, embora o mercado não tivesse jeito nenhum, só via gente triste e falsária, que eram simpáticos na face mas traiçoeiros na intimidade. Descobri. E não digo nada para já. Vou sorver. A pensar o que hei-de fazer da minha castigada existência. País de merda, que não vai a lado algum, mesmo depois das descobertas. Deviam ter vergonha, sobretudo os que vão à TV todos bem-disposto anunciar todos os dias um elixir para toda e qualquer coisa. Não há! É preciso lutar! Digo mal deste país que não me deu nada que eu não conquistasse. E continuo a lutar. Como se não fosse de cá! Depois, percebi, dentro de mi mesmo, que não tinha nenhum sentimento mau para com o meu cunhado, mas o tipo tinha uma espécie de celeuma contra mim, como se precisasse de se apoiar em mim para se afirmar. De resto, em fim de noite, posso dizer o seguinte: o português é tão concreto, tão primitivo, que só acredita quando vê a coisa a aparecer no seu espírito, normalmente em forma de desprezo do outro, ou seja, só percebe a realidade quando está em superioridade face ao Outro. Característica mesquinha e que me deixa numa posição mais ou menos confortável, pois a mim nunca me deram nada senão tolerância. O espaço para respirar sempre foi meu, sempre fui eu a tentar conquistá-lo. Uma nação em recesso, em queda, em desprezo dela mesma, em doença e decadência e os jovens comandam isso. Como será no futuro? Cada vez mais jovens sobranceiros, inimigos dos velhos e da vida, como se fossem donos do tempo, poucos sofrendo por um percurso académico, como eu, muitos usando a droga para fazerem merda nenhuma. E elas vão atrás deles, não têm nem sequer um buraco na cabeça para encher...Podia ser mais brando e menos revoltado? Sim, se tivesse o papo cheio, o amor, como vocês têm e morrer do estertor disso mesmo, não tendo dado exemplo de merda nenhuma nem comovido alguém, académicos ou leigos. Cambada de toinos, nem sequer sabem limpar o cú e andam com ele às costas todo o dia pelas ruas e vielas de

Lisboa, fingindo serem grandes professores, artistas ou intelectuais quando são apenas e não mais que sefarditas que nem sequer abrem a Bíblia. Em nome de alguma coisa.

Depois, mais adiante, optei por ser agradecido e imaginativo. Os meus irmãos estavam a ajudar-me para que criasse e esperaria não tarde ter descoberto isso. Por isso me deixava andar nas ideias, ainda que só com uma banana, há duas horas, no estômago. A vida acompanhava a literatura e eu, que decidira ser feliz, encontrava obviamente muitos obstáculos a isso, mais externos do que internos, mas muitos internos, mas tinha de me entregar, não podia cavar muito mais dentro de mim sob risco de me estar a enterrar. Por isso, decidi abrandar na filosofia, até porque não tinha o amor que me acompanhasse, que me amparasse...embora tivesse uma relação ou outra de quando em vezes para me não tirar do chão...

Depois, considerei que esta merda não tinha jeito nenhum, o meu vício de mulheres e tabaco. O dinheiro não parava muito tempo na minha mão. Por isso nunca tinha grande coisa de dinheiro. Mas tinha outras coisas que me desagarravam do mundo imundo. Aqueles que faziam tudo certinho não era senão um acidente na história, porque todos queremos acertar, grande treta. Ao fim de alguns dias ansioso à procura, deixei-me estar quieto na cama, vendo as imagens da televisão decorrerem diante dos meus olhos. Poupei no tabaco e consegui com isso mais comida, que a bebida estava na mesma, uma cerveja por dia. Deixei um mundo de compreensão, de tentar compreender tudo e todos, passei a uma fase, a um estágio, de aceitação. Tudo o que viesse era bom e eu ainda estava cá para o recolher, uma vida feliz me esperava. Sabia que era politicamente incorreto nessa maior parte do tempo, mas vivia de bem com a sexualidade e a vida. Sentia que tinha ido bastante longe, sem grande apoio ou consideração, especialmente no tempo da tese e posterior, até à data de então, em que escrevo. Mas, tudo bem, ao menos não era mais um Giordano Bruno, por opção minha e de temperamento. Afinal, era cientista social. Não podia estar à espera do pretense sucesso, tinha de sair de casa, esquecer por instantes que tinha um sem número de necessidades, de desejos mais ou menos insatisfeitos, adiar as coisas um pouco, estar sempre acima das circunstâncias, porque por exemplo, havia sofrido o bastante para ser feliz. Acordo. Vou comprar um cigarro, estava com vontade de fumar. Oiço uma coisa dirigida a mim, qualquer coisa como “a clientela foge toda”. Quem? As mulheres os amigos, os interessados em Filosofia. Estou à espera, na verdade, de uma miúda que nem sei se vem. Não tomo banho. E penso nisso. Mas...que mal há nisso. Apetecia-me ter respondido à tipa, não sei ao certo se era para mim, mas, lateralmente, em termos de amplitude, talvez fosse. Apetecia-me responder-lhe e bater-lhe. Mas não, não o fiz e ando aqui às voltas. Nada há de mais triste do que vulgarizarem um antropólogo, um

escritor, um filósofo ainda pior. Enerva bastante. Mas uma pessoa não liga até um dia, em que explode e começa a responder a todos a torto e a direito. Mas que é injusto, é. Há sempre pessoas interessadas em derrubar-te e é logo da porta para fora, logo os vizinhos. Logo, este pensamento não é meu e, no limite, a culpa não é minha, mas dos outros. E não é que tenho razão? Assim começam os conflitos no reino do sedentarismo.

Mais um dia, depois de uma ressaca sobre uma tipa que era para ter aparecido e não apareceu. Lá me consegui levantar, sob a ressaca da cerveja e do tabaco. Tenho pensado em pedir ajuda, mas lá me consigo orientar ao longo do dia, pensando ou não em rabechisses. Essa coisa do gay já cheira mal. Mas eu aguento, entre umas gambas e umas almôndegas, um testamento mais ou menos volátil de veracidade cosmogónica. Tenho estado em casa, entre suores frios e quenturas mais ou menos consistentes, corpo que pede uma mulher, nada mais nada menos. Apesar de não ter conquistado umas coisas, conquistei outras, acho que ninguém é conquistador absoluto, não se é *playboy* e buda ao mesmo tempo, vou alinhando no meio tempo para a pilha durar mais e, se for caso disso, ser recarregada ao longo do percurso. Experimentei uma cerveja báltica, um pouco ácida, mas bebe-se bem. Falei com uma casada, não sei o que ela quer, talvez uma amizade colorida. Uma goesa anda a assediar-me e se eu quiser as coisas marcham, terei quem me faça o almoço, de pois de ver umas formosas mamas da tipa do multibanco...

Depois do que havia feito, continuava sozinho e lutando por causas que, por exemplo, os media nem se interessava. Continuava a ter um comportamento de professor universitário, quando nem sequer podia concorrer a um concurso, por ter a discussão da tese pendente e, afinal, ninguém me dizia nada que me interessasse. Depois, olhando pela janela fora, ao cair da noite, o escritor do outro lado da rua não estava lá, o das traseiras também não e foi então que percebi: grande parte dos escritores do burgo são agentes de show off para os amiguinhos e os media, escrevem até chegar ao sucesso e reconhecimento público. Quando não chegam lá, abandonam a tarefa, a actividade. Isto distingue um amador de um profissional...

Se algum antropólogo, americano, francês ou inglês me puder ler, haveria de rir-se com tudo o que se está a passar. O tipo que vem ajudar, nem sequer para fazer um estudo, é marginalizado pelo povo que habita, que o habita. Criticado, nada fazem por ele, quando mesmo ele é simpático para com toda a gente. Mas...chega a um ponto e chateia, portanto vira-lhes as costas, porque mesmo que alguns o elogiem, não consegue o principal, ter uma mulher que seja do bairro, para de algum modo, melhor viver o bairro...Irá mudar-se para outro lado, irá mergulhar ainda mais no mar de lodo das simpatias térreas delas, do gozo, da troça? Quando se está só, o que fazer? Deixar andar? Mesmo quando se está cansado para uma revolta sem significado? Mas, pronto, o facto de eu ter uma licenciatura e ter frequentado o doutoramento não me dava autoridade para ser um graaaande antropólogo. Estava até desligado da academia e eles não me ligariam mais desde que solicitei a atribuição de um *honoris causa*. Tinha os meus motivos. Quando muito, era um antropólogo especulativo, filosófico, roto de dinheiro mas cheio de motivos e ideias, algumas delas até bastante práticas para o que teria sido o meu contexto, a cidade de Lisboa.

Liguei para o meu irmão. Liguei para casa. Liguei para o meu cunhado. Na rua, ia levando pancada, não fisicamente, no que se havia tornado um país com demasiados direitos e poucos ou nenhuns deveres. Por isso os polícias andavam revoltados. E alguns –bons- políticos. Mas muita gente também andava revoltada, daí uma certa legitimidade social do *Chega!*... Eu não compreendia a horda de revoltas e violência nas ruas, as mulheres não podiam andar à vontade, mas andavam, os drogados, mendigos e loucos era casa vez mais encostados ao fundo da escala social. Eu tinha até pena do povo português e compreendia algum do seu temperamento, bipolar, do oito e do oitenta, do riso fácil e da falta de calculismo. Mas, de alguns, de certos ditos machos, elas e elas, não tinha pena nenhuma. Porque também tinha uma vida para cuidar.

Em tudo isto, procurava não guardar rancor, pois sabia que as pessoas estavam todas malucas e isso se devia a terem, em outro tempo, sido oprimidas por poderes estranhos à sua própria condição. Mesmo os artistas sofriam e não era naqueles tempos fácil ser-se político, quanto mais um político competente, que não metesse ao bolso meia dúzia de moedas de Judas ou Talião. O desafio maior, aliás, naqueles tempos pós-Covid era como se sentir vivo sem que isso representasse um risco para o Outro, ou seja, respeitar a alteridade na sua integridade. Para mim, era fácil ir-me abaixo, apresentar-me como vítima e tirar partido disso, para mamar de alguma coisa, nem que fosse para comer. Mas eu tomava o risco, como no filme, para justificar qualquer coisa em que acreditava. Provavelmente o amor, destacando-me dos demais com imenso sacrifício, entre padres e políticos, entre gente da rua e empresários de gabinete. Talvez ficasse apenas disso tudo o relato. Mas eu teria vivido, mesmo que o amor escapasse, e o sexo também. Por vezes andava com dúvidas da minha sexualidade. Outras vezes, tinha a quase nítida certeza da minha heterossexualidade, que só precisava da devida prova. Isso seria o casamento? Não creio, não tinha condições económicas para tal.

A certo ponto, percebi que todos os filósofos e antropólogos eram corruptos, ou seja, davam tudo, aceitavam tudo, para continuar a fazer o que sempre faziam, falar no contexto académico e comer as pupilas. Uma direta, com esta idade. Ou seja, por outras palavras, uma noite sem dormir. Fez-me Deus para isto? Bebi demasiado café e estou sem medicação, sem a Olanzapina. Alucinações, maus pensamentos, obsessões de todo o género. Acabei, às sete da manhã, por tomar Quietiapina, antes de ela fazer efeito ainda fui ao Posto Médico. Voltei e dormi umas quatro horas. Mas passou. Agora ando ansioso pela casa sem saber o que fazer, ainda que com um fundo de calma.

E assim continuava, procurando não me queixar tanto, nem embandeirar em arco, estava numa grande cidade, num grande mundo, esperava voltar às cantinas da cidade universitária não como um empecilho, mas como um *elder*, um exemplo, uma referência de persistência e sucesso. Aliás, queria era ter essencialmente as contas orientadas e procurar não pedir mais dinheiro aos meus irmãos. Podia estar nas altas esferas da intelectualidade mais ou menos universitária da cidade, do continente, mas preferi ter as contas equilibradas e continuar a aprender, a produzir, até num certo apostolado junto dos jovens...

Os meus irmãos ainda me ajudavam, mas eu tinha de enfrentar a têmpera agressiva da minha irmã a todo o momento. Eu, em tanto tempo não culpei ninguém pela minha doença, só agora andava bastante revoltado, como se precisasse de alguém que estivesse perto de mim e de mim cuidasse. Agora tinha de aguentar a agressividade da minha irmã, que tinha enxaqueca e o bócio. E eu, porque precisava do dinheiro, ia aguentando, sendo saco de porrada. No dia seguinte, mais uma visita aos mórmons, mesmo ao lado de casa. Para muitos, a religião é uma tolice, pois eu creio que o extasiamento e felicidade que proporciona é uma douda forma de ignorância. Francisco falava já nisso. Há sempre lugar para quem traz ao mundo maior felicidade do que ele pode suportar e o alimenta.

Estava desmoralizado mas não abatido. Acontece quer ninguém me ligava, a não ser uma admiradora do norte para lhe escrever uma biografia. Ansiava pelo avanço do tempo e voltar à cidade universitária, com um misto de tristeza e missão. Mas...um emprego como professor ainda estava longe de acontecer. Agarrava-me à escrita e à tese, como Camões ao manuscrito *d'Os Lusíadas*.

Depois de tudo o que se passou nesses dias, mantinha uma vontade indómita em viver. De repente, sentia que tinha passado os meus professores e isso pouco importava, dado o estado da gente e do país. Nem a mim me importava. Senti, porque via além do pôr-do-sol... E continuava só, apesar de todas as minhas conquistas, não em Damão nem Calecute, mas em Lisboa...

Procurava ter um espírito prático para sair de casa e mesmo em casa, que não me fizesse sentir mal, sufocado. Não tinha inspiração para escrever, a fonte estava sem água.

Por um lado e pelo outro, levava pancada de todos os lados e ninguém se atrevia a dar-me encorajamento ou apoio de alguma espécie. E continuava só nas minhas actividades que, aparentemente, pareciam beneficiar toda a gente. Eu sentia uma solidariedade apenas mental e nem sequer virtual, num país onde se aconchegam uns aos outros e os heróis não passam senão sendo da bola ou da política. Prosseguia beneficiando este povo quando ele nada me dava senão silêncio e esquecimento. Mas....não era surpresa, fizera a teste e apenas um ou dois se haviam manifestado interessados. O resto era silêncio...

Enfim, estava mais ou menos numa situação parecida com a do Victor, ou seja, não podia estar em casa dos pais, na terra que sempre me foram ingrata, nem tampouco podia estar em Lisboa, onde estava efectivamente e nessa cidade não tinha amigos. Será que me iria acontecer o mesmo que ao Vítor? Cada hora era um desespero, por mais boa vontade e imaginação que pudesse ter. Mas, de uma maneira ou de outra, tinha de continuar, qualquer coisa que fosse. Ligava ao meu sobrinho e percebia que estava perto da universidade. Lembrava-me, tanto trabalho pela filosofia e antropologia, a tese, tudo isso. Não teria sido em vão, não acreditava nisso. Mesmo que a tese continuava por ser aprovada e discutida. A depressão, o TOC, a doença mental, faz-nos recuar e esconder-mo-nos em zonas de sombras, assim como as rãs. Há que dar o salto sob a crença de que não iremos desaparecer. Vejo isso no meu sobrinho, estou acompanhando para que não se perca, como eu me perdi no meio da licenciatura, consegui ir-me encontrando e desencontrando várias vezes e nem posso garantir a ninguém que com esta idade me sinto encontrado, entre religião e cerveja. Não era um coitado. E, no meio da minha infelicidade, ia sendo feliz, um pouco à revelia do mundo. Imaginava como teria sido se tivesse ficado pela religião, afinal fui eu que desenvolvi esse sentimento da fé a que chamamos a missão, a vocação. Por isso, cada vez mais olhava a religião com respeito e panaceia para os meus males mentais que

advinham em grande parte de ser um bom cientista social.

Ninguém, quase ninguém, havia notado a minha passagem. E eu não podia ficar à cata de elogiosos e coisas mais ou menos elogiosas, que nunca aconteceriam. Em vez disos, haveria de contar com as críticas. E, em vez de ficar plantado à sombra da bananeira, decidia fazer alguma coisa, continuar o que estava fazendo desde há tempos...

Ouvia soarem as ambulâncias e por vezes dava graças por estar só. Ao menos não daria trabalho a ninguém. Ficaria morto, a apodrecer durante uns dias até que (me) viessem buscar. Mas esse dia ainda estava longe... Ao fim do pensar, sabia que era só questão de estar nos ambientes certos, estar um pouco fora de casa, para encontrar alguém interessante e não aquelas das revistas femininas que não tinham passado do nono ano...e às quais talvez apenas eu dava verdadeiro valor...

Ainda sobre as calças. E o que tinha o cú a ver com as calças. Tinha tudo. Estava a ele agarrado, encostado, como doi gémeos, o cú e as calças. De não esquecer as cuecas, nem que fossem as cuecas beije do vizinho de baixo. Da vizinha, eram cuecas de mulher. Não as teria lavado, nem à mão nem à máquina. Ou então pô-las só assim, cagadas, borradas e secas, a secar ao sol, só para provocar os vizinhos num mete-nojo que não se usa mais...como muitos fazem ao pôr um sapo no lago da casa, para evitar os ciganos, que estavam, desde há longo tempo, associados, às cuecas cagadas, fosse por serem itinerantes fosse por os outros serem sedentários... Conclusão: o mundo está cheio de pessoas que tomam banho e não lavam o cú. A isto, alguns chamam de Antropologia Radical. Assim, o sentido do escritor consiste em extirpar sentido de uma realidade que cada vez menos o tem, ou seja, de algum modo ele se aproximar, em termos de criação, do próprio Deus. Assim, é mais o menos tolerado socialmente, mas também é ostracizado, sobretudo por aquele que não vê sentido, quer na escrita em particular, quer na literatura em geral. São aqueles que não gostam de pensar, ou pelos genes ou porque nunca aprendera ou menos nunca quiseram saber disso. Assim, enquanto uns têm em excesso, outros têm eu defeito e assim está distribuída a literatura pelas aldeias. A pouco e pouco, o meu coração ressentia-se, no fim da subida das escadas que davam ao meu apartamento, o coração começava a falhar, devido ao tabaco, essencialmente, à falta de exercício físico, depois. Fumava o mesmo de

sempre, um maço por dia, em certos dias era mais consciencioso e fumava meio maço. Mas...a solidão a isso propiciava. E eu analisa os vários graus de solidão. Por outro lado, era um privilégio estar só, ter a casa só para mim, ao contrário de vários vizinhos, que tinham os pais com eles numa casa sensivelmente como a minha... Habitualmente, costumava ir no fim de semana a Riachos que, no dizer de minha mãe, tinha sido esquecida no meu mapa mental, mas eu ainda pensava nesse local onde passara mais tempo em toda a minha vida. Estava assim, há cinco semanas em Lisboa e procurava ter bons hábitos de vida que me fizessem andar para a frente e esquecer o ataque cardíaco que sofrera na Expo...

Na sociedade, pelo menos nesta, neste contexto, os mais criativos são adorados por uns e maltratados como párias por outros. Tenho sentido isso na pele, pois sei quem sou, no que me tornei com esforço. Dantes, de uma coisinha escrevia mais de vinte páginas num só dia. Hoje é o contrário, passam-se dias e dias sem que escreva coisinha nenhuma. Mas isso é normal, não tenho contactado com ninguém da literatura, nem Pedro Eiras nem nada. Dava-me a ideia, naqueles dias, que estava preso, por um crime que não cometi ou preso pelo crime de viver. Durmo a sesta. Acordo sem saber o que fazer. Apetece-me voltar a dormir. Mas não tenho sono. O meu espírito paira na casa de um lado para o outro, só, procurando encontrar ligações com o mundo.

Assim, eu estava numa situação que tinha um pouco da situação da minha última namorada, Lily e que tenha também um pouco da situação do Victor, que já nos havia deixado. Telefonara ao meu irmão e, se por um lado percebia certas coisas, outras nem queria saber ou ouvi-las. Era um tipo rígido, não o censurava. Mas assustam-me essas pessoas, que não passaram metade do que eu passei e ainda assim são tão peremptórias. Felizes e heróis aqueles que depois da guerra e da psiquiatria, do sofrimento, se mantêm bondosos e generosos. O mundo é desses. Porque, de certo modo, eles estão acima do mundo...

Depois, arranjei uma formação numa clínica psiquiátrica. Havia doentes de todo o género. Bem, para a psicologia e psiquiatria, toda a poesia é um delírio. Mas para as ciências sociais também a psicologia o é. Vamos a ver quem tem razão. Aliás, para quem tem OCD, como eu, é fácil descambar na bebida e no café, no cigarro e até na droga, pois esses incómodos pensamentos deitam-nos bastante abaixo e desenvolve-se um „medo de ser descoberto“ neles, o que é pior ainda. Facilmente se resvala para a depressão e daí ao suicídio vem um passo. Se a pessoa não desenvolve laços sociais, a situação complica-se com o passar do tempo. Na verdade, o OCD não é uma doença, posso dizer pela minha experiência, pois é uma mania do perfeccionismo. Pode até ser vista como uma qualidade, se devidamente vista e compreendida. Os psicólogos sabem disso. Pode ser usada em estudos criminais, inclusive. Mais é mais fácil admitir que é uma doença para pacientes e psicólogos...

Mais uma boca, desta feita à porta de casa. O que eu tenho aguentado destes tipos. No entanto, nada de válido têm para me dizer, para me ensinar. Eu já sei o que a casa gasta. O tipo que está encostado no café, que passa de carro no seu táxi, critica tudo e todos e é ele que está mal. É assim o português. E ainda há quem diga bem. A maior parte dos casos é apenas inveja.

À medida que a minha fé em mim mesmo e em Deus aumentava, a minha saúde melhorava e eu até via uma hipótese de, como irmão, ir aos EUA, constatava que, entre gente de bem uma e outra vez, o bairro estava minado de putas e drogados, com especial relevância para estes últimos. E porque é que eu não reagia às bocas? Porque não era um tipo primário? Porquê só agora as críticas e a visibilidade quando eu tinha estado todo este tempo em Lisboa e ninguém me havia dado a mão? E, deveras, amava o absurdo. E porquê esse sentimento anti-religioso, anti-clerical, anti-metafísico. Porque a grande parte das pessoas, de Lisboa ou fora, eram pessoas sem formação e sem interesse algum, sem bem que o escritor arranjasse em tudo motivo para se sentir interessado e achar nisso alguma forma de motivação. Mas, pões-te nas mãos de Deus, isso nunca eras capaz, fosses ou não funcionário do Diabo...E os teus problemas aumentava, casavas com esta e mais aquela só pra ter prazer sexual, sem nenhum efeito, a tua vida estava virada para o porno e a comida, numa pornochachada sem fim. Nunca estavas satisfeito, batias na mulher, nos teus filhos, deixavas a casa, separavas-te, só porque eras refém desse teu afã delirante de experimentar mais e mais do mundo. O mundo é um lugar a ter cuidado, antes de ter cuidado consigo mesmo. Porque responder ou mandar um murro em alguém, qualquer um faz. Porque, por seres antropólogo, ninguém te ajuda, dizem, „é pra não se armar em esperto“, quando tens de tu, sempre, puxar para a frente, a ti e aos outros, que pensam que detêm uma lógica imbatível sobre tudo e todos, quando outros caem para o lado facilmente. E aí, diante da morte, nunca a sua mas a do Outro, eles começam a olhar o mundo de uma forma diferente, mais altruísta. Seja como for, precisava de entrar no coração de alguém para fazer melhor literatura e se não fosse pura literatura, teria um pouquinho de ciência social e se, por último, não fosse teoria social, seria filosofia. Da boa.

Eu tinha sido um resistente, numa cidade onde a solidariedade só é boa quando

passada em revista pela televisão. Tinha estado muitos momentos mal, não me tinham tratado especialmente bem, mas eu tinha de me aguentar, como os outros, isto tinha um pouco da sacanice das cidades americanas, mas também tinha o seu lado bom e era a isso que eu me ia agarrando, bem como à minha fé, em Deus, em mim mesmo, no Mundo. Para que melhorasse. Afinal, era antropólogo, embora (ainda?) esquecido. Lá longe, no centro do país, tinha quem pensasse em mim, a minha mãe, os pequenos. Tinha passado o Cabo das Tormentas que Domingas não conseguira passar e ainda vinha lá tormenta. E não sabia se estava preparado para muito mais. Era uma guerra inglória e ingrata. Até ser lembrada, um dia...

Sabes que mais? Sabes a explicação que eu dou para os meus pensamentos de merda? Não é Deus, não é a psiquiatria nem nada que me vão tirar isso. Mais vale admitir. Na verdade, o espermatozóide que me deu origem estava enrolado em merda e por isso os meus pensamentos de merda. É genético, biológico, mais do que psíquico ou religioso.

Nesse dia de final de Setembro, tinha muita coisa para dizer, continuar qualquer coisa, estava de cabeça cheia, mas por isso talvez não me interesse dizer nada. O mundo que se desenrolasse diante dos meus olhos, afastada a cortina. Por mais que sejas um bom filósofo, um grande escritor, um bom antropólogo, as pessoas olham sempre para ti de lado ou então com olhar de gozo e acabam por se rir e não te dão importância. Com a importância delas posso eu bem –dizes. E procuras fazer mais e mais só para provar que o TOC não é obstáculo ao trabalho intelectual. Mas a mente das pessoas é básica, não evolui, por isso passas bem ao lado como um tipo que é troçado e bem visto como maluco. Daí não teres grandes amigos, porque os amigos, hoje em dia, não são, na sua maior parte, sinceros, andam ligados ao interesse e à conveniência... Podem não ter-se rido por gozo. Ou podem, mesmo assim. Se tens um lado ridículo, tens um lado heróico, vais aguentando e no fundo, as pessoas de Moscat não falam contigo na rua, a não ser algumas, porque não sabem como o fazer, não têm nível para o fazer e isso as leva para a troça e o riso, para o gozo. Quando devolverás para fora dias e dias de troça? De indiferença? Em Lisboa, há cada mortiço que se encosta aos grupos porque não se ageunta sózinho. E o tabu pela doença mental é tal que se riem do que vai sozinho e logo adiante, quando se sentem sós, ficam em depressão. São tão amigos que logo que viram as costas dão facadas neles. E nele. Normalmente o escritor, bem reconhecido publicamente, é aquele que ensaboa os pés à malta, não há sentido de criatividade na actividade pública da escrita.

Depois, a certo tempo, percebi que estava ficando para trás, que muitas pessoas faziam troça. Mas eu não dava muita importância a isso. Talvez tivesse sido pelo doutoramento, pelos livros que fui escrevendo, expondo-me consideravelmente a críticas, na rua na tv, por onde fosse audível. Na verdade, não tinha grande saída senão continuar o que estava fazendo, pensei em psicologia cognitiva, em psicologia social e do desenvolvimento, em biologia do desenvolvimento, mas queria conhecer uma miúda e para tal o ideal seria letras, mas estava já farto de lá ir por causa da filosofia e do doutoramento. De modo que andava pensando nisso, apesar de tudo consideravelmente feliz, menos tenso, mais calmo, mas ainda fervendo por dentro, frequentando a Igreja, fumando um pouco menos, bebendo um pouco menos.

Nesse dia dia volta ao Marx, como quem diz torcia-lhe o pescoço, coitado. Ele dizia que a religião é o ópio do povo. Talvez concorde com isso. Mas a religião não admite opiácios. Mais, ele esqueceu-se que Deus é o povo, não uma entidade volatilmente desencarnada. O Deus do povo é a sociedade, nada mais, a religião não é um traço da cultura, ela é cultura. Quem me fez compreender tudo isto foram, obviamente que subliminarmente, duas jovens americanas, que estavam em Lisboa para evangelizar. Na verdade, o Bem dava mais trabalho que o Mal, por esses dias. E eu, no íntimo da mente, compreendia em absoluto o trabalho da polícia, pois é a ela que cabe defender a lei e a lei é votada por quem sem empenha, não simplesmente porque quer, ou seja, o Bem exige esforço, que muitas vezes o mais rico está mais apto a praticar porque tem já alguma coisa, sendo que o pobre nada tem e é compreensível que se rebele, muitas vezes contra o Bem, a ideia e prática do Bem.

E, então, nessa noite de quase Outono, fui tentando deixar de ser Giordano Bruno... Não era vulgar, um homem de cinquenta anos ter por amigas duas americanas na casa dos vinte... Mas, eu tenho uma grande vantagem para com os filósofos meus contemporâneos, acadêmicos ou não: estou sózinho e por isso posso especular mais livremente...

Sendo que a morte é certa, avancemos um pouco mais, de modo a ir ao seu encontro, desafiá-la e estar vivo depois dela, como já aconteceu várias vezes, em Paris, Riachos e Lisboa. Liguei à mãe, liguei à irmã, tudo bem. Liguei aos meus amores telefônicos, andava nisco da erudição como entrave ao sexo uma série de anos e talvez estivesse errado em várias coisas. Mas...sózinho, talvez fosse complicado fazer melhor, ainda que em Lisboa, mesmo em Lisboa.

Andava às voltas em qual curso de mestrado me matricular. Seria perda de tempo? Ou seria apenas para ocupar o tempo?

Depois, fui percebendo que não valia mais a pena expôr a minha vida nos meus livros, há tempo, aliás, que não tinha grandes personagens no meu convívio. Aprendia os pequenos prazeres da leitura e do estar deitado na cama vendo TV e ainda que ainda tivesse o ímpeto de fazer coisas, enlouquecia a pouco e pouco na casa, pois as resistências iam desaparecendo. Talvez fosse o princípio de algo importante, diferente, que pudesse dar uma volta à minha vida de homem só.

Depois, detetei em mim uma zona lunar, que tinha de domar, de controlar, para que não se alastrasse a outros componentes de mim-mesmo, especialmente a alma. Com dez euros por dia, diz-se, „governava-me“. E sonhava, ser um escritor, filósofo e antropólogo reconhecido. Mais, fazia por isso, ainda que faltasse a grande pedra no sistema, o canudo. Mas não me sentia inferior. Face aos acometimentos do meu espírito e à vida na cidade, creio que ia muito bem. Bastante bem. O meu irmão não simpatizava com a falta de rendibilidade da minha obra escrita, da minha obra escrita. E eu, nos meus termos, sentia que ela era muito mais válida do que a de muitos, que tinham uma fonte de rendimento para a alimentar, como serem professores. Os ataques à „minha coisa“ vinham também da minha irmã, que me humilhava sempre que podia. Mas eu continuava, ainda sem saber as repercussões praticamente negativas de escrever, de ter feito a tese. Imagino se a viesse a discutir positivamente... Quem não entende ou não quer entender, automaticamente recusa, é assim com a filosofia e a escrita em geral...

23.

Portanto, não podia contar com a admiração nem do meu irmão nem da minha irmã, para eles eu não tinha feito algo de relevante porque talvez tivessem uma pontinha de inveja de mim e de certo modo me desejassem o mal. Sempre fora assim, desde pequenos. Eu tinha que lidar com os dois, que raramente se aliavam, sendo quase sempre o fiel da balança. Mas...o meu pai continuava revoltado e eu supunha que ele nem me queria ver por lá. Estava tudo à espera de um grande acontecimento e eu suspeitava que ele poderia surgir, portanto continuava à procura, fazendo aqui e ali uma e outra coisa para ir adiantando coisas nesse sentido. Amigos...não os havia nem sequer no facebook, quanto mais em Riachos ou Lisboa. Tinha de continuar o caminho sózinho.

Fui ao aeroporto beber um café. Tudo na mesma, turistas de uma lado para o outro, para um lado ou outro. Com menos força, agora, mas ainda crente no caminho, ainda que eu casa, confinado. Ainda querendo morar com alguém. Dúvidas sexuais, não dúvidas existenciais. Mas a heterossexualidade vence sempre. Sentimento de injustiça, de esquecimento. Estas dúvidas e este mal-estar raramente me abandonam, acabo por ser vítima deles e dou a volta por cima pelo outro lado, o da lógica, falando eternamente comigo mesmo. Assim, não podia ficar parado. Se não conseguia arranjar emprego, aguentava-me com dez euros diários dos meus irmãos e sabia que ainda podia fazer algumas coisas mais. Aliás, creio que continuaria a epsquisar até ao fim e, se não fosse aos Estados Unidos em breve, ficaria por aqui, onde era relativamente feliz. Talvez o meu destino não

fosse arranjar mulher, mas por outro lado, eu sentia que era isso que devia fazer, procurar a mulher ideal e essa procura suavizava a minha dor de coração.

25.

Pouco a pouco, estava menos centrado em mim, era uma aprendizagem, mas isso não significava estar mesmo atento aos cuidados do meu sistema mente-corpo, antes pelo contrário. Quanto mais me preocupava comigo, mais me preocupava com os outros, com o mundo, uma preocupação serena e saudável. Havia dias em que me apetecia desistir, desistir de Lisboa e ir para outro lugar, por exemplo, a Guarda, e nela Cerdeira. Talvez um dia. Ou talvez nunca. É claro que não tirava daí algum dividendo, nem sequer entre as mulheres, parecia um

tipo mais cinzentão e pouco divertido, mas o âmago do Ser estava lá . Eu era isso mesmo, cinzentão e divertido. No supermercado, falavam das „calças“, outro de um tarado que andava por aí à solta, outras que se estavam „a cagar“. Eu podia levar isso para o negativo, mas, passado pouco tempo, sem falar com ninguém, levava isso para o positivo. Hellás!

Eu levava os meus dias com alguma dificuldade, sem amigos, contando com o apoio da minha mãe e da minha irmã, do meu irmão também. Mas...quanto a mim, muita coisa havia ainda por cumprir. Eu não sabia bem o que era, mas em todo o caso, suspeitava. Não creio que fosse pior do que qualquer diretor da Gulbenkian ou de um professor universitário ou político da nossa praça. Simplemente porque estava no auge, no pico de qualquer coisa...

Sim, talvez merecesse algo mais do que aquilo que tinha. Porque tinha trabalhado para isso, essencialmente pela escrita. Tinha bastantes blocos escritos

debaixo da cama, escondidos e outros, essencialmente os mais recentes, bem visíveis na prateleira por cima da televisão. Eram o resultado da minha relação com os outros e com o mundo, enquanto antropólogo, filósofo ou simplesmente escritor. As coisas, a minha refutação, tinham fugido do meu controle e eu bem que podia ir a um sítio fora da minha casa, fora da cidade e ser re-conhecido por isto ou aquilo, à quem ou além fronteiras, essencialmente nos EUA. Depois de alguma reflexão, não muita, decidi começar a responder, responder a quem mandava bocas, responder literalmente para essa gente doida que nada faz da vida.

Fui a nova Igreja, desta vez no Parque nas Nações. Ando jogado de um lado para o outro. O tipo, o padre celebrante, falou em vergonha. Não sei ao certo se se estava a referir a mim, mas fiquei grilado e não sei se lá volto. As pessoas não me acolheram como na Igreja dos Mórmons. Ainda assim, ando atormentado com o facto de não ter carro. Podia divertir-me mais, extrair mais da vida, vou à deriva, procurando encontrar algum objecto não abjecto pelo caminho. Terá filosofia afastado as pessoas ou tinha mesmo de ser assim? Se queres ser o que queres ser, começa a viver como se realmente o fosses. Os melhores são esquecidos; só os medíocres insistem em ver e ser o espetáculo. Lei de Darwin? Quando estás só neste mundo, ou sejas, não tens uma pessoa, pões-te a pensar no que terás feito de menos incorreto. Essa espiral negativa nunca mais acaba se não a souberes estancar com a meditação e a reflexão, pois tudo é terapia e as pessoas estão todas um pouco aflitas porque Deus lhes falhou. Como num banco, elas depositaram as suas esperanças, as suas economias, e o banqueiro fez off-shore e fugiu para o Belize.

Queria sair deste cenário, mas não encontro a saída. Tenho esperar que a peça acabe. O espetáculo. Abandonei tudo aos quinze anos, voltei e ainda aqui estou. Aparentemente invisível. Procuo uma pessoa que me fale de mim. Pessoa que ainda não conheço de todo.

Não te assutes contigo. És tu e isto está a acontecer. A vais olhar o que está acontecendo de frente, nunca d'etravés ou viés.

Caminhos não faltam, não há um só caminho. Haja quem ande, pois muitos preferem ceder às suas dores e penas e inventam desculpa para deixar mais alguns para trás, enquanto outros continuam o caminho como que para dar testemunho dos que ficaram para trás.

Abro a porta para regressar à Casita. O gato entra. Não deve ficar na casa

principal e levou-o para a Casita, onde passará a noite comigo. O barómetro da comunidade é o café, não a Igreja. Dirijo-me ao Café Central para comprar tabaco. Tudo tristonho, as pessoas não falam umas com as outras, nem que se lhes diga bom dia. Uma tipa mal-disposta diz-me onde está Brígida. E esta vem ter comigo, nem uma palavra diz, está bastante mal disposta. Serve-me o café sem uma palavra e eu dirijo-me à máquina do tabaco. A outra tipa diz qualquer coisa que não percebo, foi antipática comigo. Chego à conclusão de que muitos estão pior do que eu e dirijo-me para casa, não sem antes palavra com Gaetano e Simas. O pior é que em casa ninguém me apoia. Riachos tornou-se uma aldeia triste, as pessoas pensam que o mundo lhes deve alguma coisa. Em Lisboa é a mesma coisa. As pessoas estão famintas de fazer-ver. Aliás, também eu estou. Decidi deixar Brígida enquanto personagem. Ela que seguisse o seu caminho. Eu seguiria o meu. Daqui julgo compreender melhor o conceito de felicidade e os vários tipos de felicidade que existe. Muitos procuram agarrar-se à sua suposta felicidade e não passam de meninos mimados, que andam sempre mal-disposto, como se a felicidade fosse uma chucha. Outros precisam de Deus para serem felizes. Outros vivem por eles mesmo e a sua felicidade não depende dos outros. A felicidade, para alguns, é sempre dos outros, nunca se é feliz porque se vive o momento e se está na corrida para se ser sucedido.

Fiquei horas a pensar porque sou não-reactivo, é que depois fico a pensar no assunto, não respondo logo, não sou primário, como há pouco com a tipa do café. De modo que optei por dar menos confiança, falar menos, estar na minha e procurar a minha própria felicidade, longe das pessoas que eram tóxicas para mim. Mesmo dentro de casa estavam todos contra mim. Para eles eu não tinha feito nada ainda e cada vez que podiam ou que tinham disposição disso, rebaixavam-me, humilhavam-me. Mesmo a pequena pouco falava comigo. Talvez fosse por não ser bem sucedido na vida prática como outros. Mas isso eram apenas concepções de vida, a mais tacanha a que considera conversas ôcas e modos ociosos de disposição do espírito. E ando assim, sem grande disposição de espírito, sem ter amigos com quem falar. E não creio que tenha assim tanta culpa,

decerto que as pessoas não vêm ter comigo, começo a pensar que a filosofia estragou tudo, porque não fui na barca com os outros, fiquei abandonado à minha sorte em terra.

28.

Encontrar um passarinho morto é sinal de ameaça de morte. Naquele dia de Outubro, depois do feriado da Implantação da República, encontrei três, um em casa, outro na estação de comboios de Riachos, outro na estação de transbordo para Lisboa. Fiquei a pensar, foi acaso ou coincidência? Como não dou importância a certas coisas, essa é uma delas... Mas fiquei pensando...poderia ser Bardéu, ou mesmo Danny, um ou outro, ou todos eles juntos, podia não ser nada, apenas um acaso, podia ser até o meu pai, para me avisar...mas ele iria dar-se ao trabalho de pôr um terceiro passarinho na estação de Lames, cheio de formigas e moscas? O certo é que o clima era pesado lá na aldeia. As pessoas não me interpelavam, não me falavam, a começar com Brígida, que estava cada vez mais estúpida e mal-educada. Mas....como consegui voltar a ir lá, não deixaria de o fazer, além do mais, a minha mãe ainda estava por lá e eu fazia questão de a ir ver...

29.

Mais um dia de dor, de pensamento em espiral negativa, anal, todas essas coisas que os outros não pensam, ou que pensam mas não querem dar parte fraca. Ao menos eu reconheço, sei o que se está a passar, é uma luta. Talvez contra a sociedade, porque tenho medo de estar na rua, só em casa me sinto seguro, mas é lá que estão todos esses pensamentos, serão meus? Ou alguém está a habitar a minha mente?

Mais uma manhã para esquecer, os mesmo sintômas, a mesma indisposição. Mas persisto, lá para adentro do dia vou-me sentindo melho. Vou ao supermercado comprar o almoço e, no regresso, dois tipos, num espaço de dez metros, cospem à minha passagem. Há alguma gente que não gosta de mim e não são nada polidos, juntam-se nos cafés a beber e a destilar ódio para com os outros.

Um pouco mais positivo. Fui ao psiquiatra e a medicação alterou-se, meto-me com as pessoas porque gosto delas e tudo o que é humano me fascina, ainda que há muito tempo sob este contexto, descubro sempre novas formas de me sentir feliz e condizente com o clima, o ambiente. Nem tudo é assim tão mau e tudo o que é mentalmente anómalo doi, mas sempre se conserta, sou testemunha disso. Não me conisgo ver noutro trabalho que não a leccionação numa universidade, mas não me sinto frustrado por causa disso. Dez euros por dia que os meus me dão chega-me para ser feliz. Como dizia o ditado, „reduz as tuas necessidades e serás feliz“. Esquece isso, pá. O que tem de vir, virá, com a ajuda ou sem a ajuda de

Deus. Tudo depende da perspectiva, trabalha, vai por essa vida e consegues, ao menos tens boa credibilidade social e isso dá mais frutos do que o caminho da deviância. Olha o polícia, tem de consertar o mal dos outros e recebe um ordenado fraco.

31.

Olha os enfermeiros e os médicos, cuidam da nossa saúde, jogam a nosso favor e nem por isso são assim tão bem pagos. Quando compreendes o teu lugar na sociedade, sem hermetismo ou liberdade excessiva, és feliz e isso contagia-se, a positividade no teu rosto, a tua aura logo melhor quando és lúcido e te saber

relacionar com a realidade, por vezes brincando com ele, por vezes sério quando tem de ser. É deste amestramento que vive o sucesso e a felicidade na vida social. Sabes o teu lugar e cumpres, logo não te chateias com mais nada. Esse é o homem livre. Mesmo na cidade, onde esperar e ter paciência são as mais altas das virtudes. E assim se esboroa o sonho americano e emerge o sonho português, de que pouca gente fala, mais preñhe de razão e sentido do que aquele, ôco e artificial, embora de desfasadas cronologias. É que, para seres português, às vezes tens de ser um pouco americano. E; como defendo, em certo sentido, ser português é bem mais potente do que ser-se americano, au-delá de algumas áreas em que eles estão bem mais avançados do que nós, que ainda estamos a construir infraestruturas e na ficção e no cinema estão mais adiantados, talvez porque explorem, como de resto no Brasil, mais a emoção e as relações humanos, do que nosotros.

Soube nesse dia que se tinha conseguido chegar até aqui sem grande, conseguiria chegar mais além, pois ainda tinha uma reserva de força e de boa educação, mesmo sem uma queca redendora que me tirar o alma do sítio. Porque eu, apesar de tudo, ainda tinha do sítio. Estava de regresso aos bons velhos tempo em que me sentia são, já me custava menos levantar-me e ainda que não tivesse um emprego das nove às cinco, estar desperto, activo, consciente. E fazendo coisas, o que me dala imensa felicidade. E gostava de me dar com as pessoas, de ir dar a volta à Baixa, ao Starbucks e voltar. E ainda que por alguns fosse visto como um cromo chato, procurava não remoer a revolta, que se esfumava com uma cigarrilha Camel de dois sabores...

Tomei a resolução de ir ao batizado da pequenita, a minha sobrinha Mafalda. A mão parecia-me mais animada. A pouco e pouco saí de grande sufoco, apenas dentro de casa e adentrava-me pelo Martim Moniz, pelo Rossio, finalmente!...e de novo! Mesmo que não houvesse a energia perfeita, eu transmitia a minha energia. Isso e a luz do tejo bastavam. Aí eu compreendi, pior do que não ter uma relação é ter uma relação insatisfatória, forçada, só para inglês ver. A maior parte dos casamentos é assim. As pessoas não sabem conviver com a solidão e o respeito do seu corpo e a ordem do seu espírito e acabam compelidas, compulsas a um outro corpo que, na maior parte das vezes não os satisfaz. Daí a violência doméstica, porque ele quer uma boneca, uma boneca insuflável que fala e é de carne, uma escrava, quando isso não é amor, mas doença da sociedade e do sujeito. O amor é, na maior parte dos casos, espera e contemplação, antes que o corpo e o espírito da Outra se proporcionem... E gerar tolerância quando isso não acontece...Assim, a minha vida era feita de obsessão e sexo, ou da sua ausência, quando me fustigavam imagens como disparos de flashes fotográfico na mente, que eu fazia equivaler aos neurónios e nervos óticos. Poderia ter dado um bom pornógrafo, mas não se havia dado o caso, sobretudo porque absurdia o lado não-repressor da igreja. Enganaram-se, aqueles que me queria lixar, sendo quase homem de Deus, quase semi-deus que apenas queria viver o langor do quotidiano...

Outras vezes, pensava, era „pérolas a porcos“, ninguém se importava assim tanto quanto eu. Mas eu preocupava-me, porque queria uma sociedade melhor, mais civilizada, mais avançada tecnologicamente, uma cidade melhor, mais eficiente e divertida, mais humana e nós tínhamos isso que Nova-Iorque não tinha, o deixa andar que procura resultado mais à frente, o fado, o saber quem somos, mesmo no meio da diversidade da paisagem, a humana e a geográfica. Aí, vi pela hora, nesse dia já não ia à Missa no Parque, quanto mais ao Templo das Irmãs... Deixara tudo, o porno, a tipa do sexfone da Arrentela...tudo! E sentia-me mais livre, mas ao mesmo tempo trabalhando e desejando dar umas grandes quecas.

Deixei de insistir. Ao mesmo tempo que me inscrevia num mestrado em estudos clássicos, para o qual teria possivelmente uma bolsa, comecei a procurar saber tudo sobre bitcoins, que começavam a ter real importância online. Finalmente, fui ao médico. A nova medicação já se fazia sentir, levantava-me mais facilmente da cama e embora ainda tivesse pensamentos obsessivos eles não eram tão fustigantes do que anteriormente. Sentia falta da corrida, mas sózinho não tinha coragem. Frequentemente, ligava à velhota e só ouvir a voz dela ficava com um misto de ânimo e responsabilidade. E respeitava-me mais a mim próprio, não precisando tanto dos sexo e da lubricidade para o fazer. Mas, em todo o caso, a questão permanece: senso-comum ou filosofia? Na fronteira, como um drifter sem comprometimento absoluto com a realidade, eivado de ilusão e imaginação, fantasia e e independência do espírito.

Seja como fôr, eu estava, naqueles dias, resolvendo o problema de o que é que tinha o cú a ver com as calças. Ainda estava nisto, enquanto seguia já em estado „Mirando o Olhar“. Não podia estar se produzir, porque me ajudava na minha patologia. Ao mesmo tempo, fazia desenhos e rabiscos gráficos com um pau de carvão que tinha trazido do atelier da velhota, lá em Riachos. Quase em simultâneo, traduzia os meus artigos científicos para frances, depois de já os ter traduzido para inglês e colocado nos mais diversos sites científicos de divulgação de ciência e filosofia...

Por vezes, a vontade de vencer, eivada de ânsia por singrar, esgraga tudo, mas, desde que se tenha educação e disciplina, tudo se consegue. E não precisamos de estar sempre a provar aos outros como é que se faz, o que somos, porque estamos inseridos e temos o nosso lugar ao sol feito também com alguma convicção em Deus, em Cristo e nos santos também. Porque é saudável, assim como o sexo e tudo isso do afeto. Adiantei bastante em „Mirando o Olhar“, escrito à mão em papéis branco A4 (de resma).

38.

Que importava se o mundo estava ao mesmo tempo a meu favor e contra mim? E eu continuava, esforçando-me, procurando sair de casa e sabia que assim as coisas

podiam acontecer. Nem mais. Sim, esforçando-me cada vez mais, a meus olhos e cada vez menos aos olhos dos outros. E conseguia algum tipo de respeito face à minha pessoas tão-maltratada, muito por minha própria culpa. Deixei, pouco a pouco, de tentar dar explicação a tudo e mais alguma coisa, nem que fosse apenas, a nível mundial e gral, a minha explicação. Cansava-me. E pouco a pouco, se não estivesse para vencer a doença, pelo menos ia conseguindo domar o bicho, domesticá-lo. Foi Deus que criou a as minhas obsessões, logo, Ele as sarará...nem que fossem as minhas inimizadas mais o menos domésticas, dentro ou fora da cabeça. E que ninguém me chateasse, não estava por grandes conversas.

E então criei um novo pseudónimo, Fritz Heidegen. Não sabia que fazer com ele, em que obra colocá-lo, mas sabia que era original e poderia encimar algumas obras de filosofia futuras, mesmo sem dama nem carro, tinha uma casa e dois estúdios para continuar a minha obra...

Confiei em Manu e ele traíu-me, vou contar coisas minhas ao meu pai, que agora não me tem em boa conta. Também Felisbela, uma prima lésbica, me ligou, dizendo que gostava muito de mim, mas a páginas tantas desligou-me o telefone e não respondeu às minhas mensagens. Confiava cada vez mais na minha intuição e no meu poder de dedução. O meu pai não vê resultados e com tanta filosofia, e sem contactos que não fosse no LinkedIn, afundei-me na vida social e os resultados não aparecem, em termos de trabalho e status e ele quer muito isso, como eu quero, embora tenha conseguido em certo lugar ao sol com as coisas que fui fazendo e, modéstia à parte, com a minha simpatia e espontaneidade para com as pessoas, pouco comum em certos intelectuais, que não costumam dar-se muito com o povo...

Intimamente, estava cheio de obsessões, tinha ido às urgências do Hospital de São Torcato e a medicação havia sido alterada, mas continuava mal, ainda que me levantasse cada vez mais bem disposto. Mas a minha cabeça continuava enfiada nos fundilhos, de modo que me auto-entusiasmava constantemente, por vezes sentia-me bastante cansado mentalmente, mas logo vinha a força de um momento para o outro, com alguma paciência e densidade de espírito.

Os pensamentos intrusivos chicoteavam-me o espírito, mas eu sobrepunha a isso a esperança e a fé em Deus, cuja voz ecoava com frequência dentro de mim. E encontrei a simplicidade das coisa no fatizo da minha pequenita sobrinha, por uma cerimónia bastante simples, dirigida por um excelente sacerdotia, não conhecia pessoalmente, mas pareceu-me muito humano e direto, depois da cerimónia fomos a comer a refeição dirigida e preparada pelo meu cunhado na sua propriedade de vinhos e licores, enfim, acho que ele tem, como eu, dado

pérolas a porcos...

Ainda pensava nos incompetentes dos meus antigos professores e colegas, que nada queriam saber de mim, não me deram a mão quando precisei, mas eu sobrevivi e estava ali, de um modo ou de outro tentando solucionar o Conflito das Faculdades.

Ao mesmo tempo, lateralmente, revia o meu contributo para a filosofia e a antropologia portuguesas, para além da literatura e poesia, sem declaradamente entrar em conflito com alguém. É claro que tinha os meus inimigos, mas eles não ousavam dirigir-se a mim, sobretudo porque tinham os seus tachos e de certo modo eu estava livre e independente. A cena do almoço fazia-me lembrar "A Festa de Babete", estavam todos um pouco comprimidos, ciente dos seus lugares na mesa, e bastante divertido. Era a felicidade e a pequenita estava contente e eu lembrava-me das horas no templo dos mórmons e dentro de um dia ou dois teria de novo de rumar a Lisboa, pois o meu pai não me podia ver parado em Riachos e a minha mãe desesperava-se com isso, porque ele a chateava por causa de mim. Hermengarda não telefonou. Decerto não estava assim tão e mesmo que tivesse mais, num hospital, como eu em tempos, não teria cabeça para telefonar. Logo eu, que tinha sido expulso do ICS por um sociólogo que se jolgava dono daquilo e Prestes nunca mais disse nada, não havia solidariedade entre antropólogos, todos se desunhavam em guerras intestinas por coisas refundidas. O ISCTE também se tornara nisso, para além de ser há vários anos uma mera empresa. Por isso iria definir em não muito pouco tempo. A mulher de Prestes nunca gostara de mim e ainda por cima Fufu, que fizera uma versão dos três livros de Dante e vivia na Ribeira de Alitém e que vivia da mentira, da decidiva, pois me dissera que não havia feito curso algum, quando era professor na Faculdade de Letras do Porto, não sei bem qual distrito ou circunscrição académica. Enquanto isso, Dany descia na minha consideração. Não contava com ele nesta corrida, mas com os meus e especialmente a minha mãe. O meu pai estava alheado de tudo, mas tolerava a minha presença quando estava em Riachos, desde que não fosse muito próxima. A solução do Conflito das Faculdades seria eu ser professor numa dessas quatro

faculdades. Assim, resolvi o problema-enigma.LOL

40.

Por mais que tentasse, não conseguia esquecer estas universidades por onde andara, da falta de ética e da pouca amizade que conhecera nelas, no oportunismo das capelinhas e das conversas de bastidores só par garantir tachos e os textos não eram pelos textos mas pelo que podia levar a eles ou além deles. LOL

A pouco e pouco ia esquecendo esse Conflito, porque estava demasiado só e ainda queria trabalho. Tinha o meu mestrado em estudos clássicos por fazer na faculdade das Letras be ainmda que tal fosse um passo atrás, eu estava disposto a dá-lo. Podia andar toda a vida entre o convento e a vida exterior, entre senso-comum popular (ou popularucho) e academia, sem me resolver definitivamente entre um e outro, mas desesperava-me não ter ainda a tese aprovada e nem estva muito disposto a aturar certas pessoas que conhecera porque nada tinha que ver com elas. Podia parecer um pouco chato, mas eu estava convicto de ter razão. Muita gente me devia dado, mas eu também havia dado muito e grande parte do tempo sózinho, ter de arcar com certas responsabilidades que muitos se estão a borrar e nem sequer no liceu podia dar aulas. Clubites e interesses, enquanto não tinha dado razão a ninguém para me querem a pele.

Com o tempo, fui intuindo e deduzindo que Boinas e Dany eram malucos da cabeça, tinham uma qualquer patologia contraindicada para a sociedade. No entanto, coexistiam e isso não me fazia diferença alguma, passava-me ao lado, como diz o outro da canção. Já não pensava mais em Susana, nãoe a de carpir

muitas mágoas por amores incompletos ou passageiros. Tão pouco era discípulo de Tchékóv ou Dostoievski. Nisto tudo continuava só. Ou não, depende do ponto de vista. Mas tudo isto mexia comigo.

Resolvi estudar outras coisa, para além das culturas clássicas, ou seja, um pouco de psicologia, etologia e sociobiologia.

O meu pai fecha-se em copas, mas sei que por um lado está a sofrer e a torcer por nós, por mim e os meus irmãos. O papel da minha mãe, neste e noutros contextos, tem sido fulcral, é uma mediadora, tal como Maria, sim, a Virgem Maria, a Nossa Senhora de Fátima. Sem ela, tudo seria mais difícil para mim, é ela que sempre me dá cinco euros pra comprar tabaco. Para não falar já da minha irmã e o meu cunhado, coitado, é um sacrificado e mal-reconhecido o seu valor no sector de que se ocupa. O mesmo acontece do meu irmão, que, sucintamente, é um dos meus modelos,. Mais, muito mais do que todos os mestres e professores que tive. Mas o meu pai também o é, nesse aspecto.

Queria convencer-me de que não estava a lutar contra moínhos de vento, tal como o Quixote. O futuro me diria se estava certo ou errado quanto a não ter feito o doutoramento em Antropologia logo a seguir aos anos da licenciatura. Assim, tinha de esperar pelo Honoris Causa.

41.

Desde os tempos de Sócrates que o país, nos costumes, nunca estivera melhor, digo, nunca tinha havido tanta liberdade no país. Podia estar morrendo, mas morria alegre dali a uns anos, não sei quantos, mas ainda tinha grande instinto de auto-preservação e alemjava ir, partir, depois dos meus pais, tinha uma moça para conquistar e ainda certas coisas para fazer, cuidar do meu património herdado, possivelmente, passivelmente. Ainda vivia nas lonas, mas conseguia encontrar alguma felicidade feita de boa-disposição no meio disso. Podia estar num hospital condenado a uma vida mais ou menos inútil, mais ou menos útil para a ciência, mas não, estava naquela casa e saía de vez em quando à Baixa, ao Aeroporto, ao Oriente, nesse fim de semana quisera voltar a Riachos para mais um fim de semana, mas minha mãe não deixou e eu respeitava isso. Fui buscar o almoço e acendia TV. Fumei um ciagrro desesperado, logo pela manhã e pensava nas noites perdidas no Bairro Alto, no Lux...

42.

Mais um raspanete do meu irmão. Como se eu não tivesse estado, como se não estava, em psiquiatria. Como se o meu pai ajudasse e ele não tivesse a obrigação de ajudar, tal como a minha irmã ajudasse, e bastante, desde há longo tempo, permitindo uma obra assinalável na literatura, da filosofia das ciências sociais... Mas isso a eles pouco importava, aliás, o culpado fora eu, se me tivesse mantido na mediocridade, talvez tivesse ganho mais em proveito próprio, em termos materiais. Mas não, quis fazer um doutoramento, e que doutoramento, quis escrever uma série de obras, quis fazer trabalho de divulgação online, quis fazer uma Antropologia Filosófica, quis fazer muita coisa e fiz efetivamente muita coisa.

43.

Domingo. Estou com o espírito enferrujado. Pouco a fazer, hoje. No entanto, muito, tentando suplantar um narciscismo dos fundilhos. A maior parte dos escritores não escreve acerca do presente, nem os antropólogos. E os filósofos é de soslaio, como se não soubessem de uma fonte, de uma imagem, de uma psicanálise. Estão todos demasiado concentrado uns nos outros, em vez de em si

mesmos. „Conhece-te e ti mesmo“-diria Sócrates. E serás feliz. A milhas do que diz um Paulo Borges e a sua coisa zen, budista, que me parece mais doente que qualquer outra coisa.

Nestes achaques, apenas queremos ter alguém que nos oiça, um ombro amigo. O resto são cantigas, balelas. Estes tempos difíceis precisam de pessoas lúcidas, porque a maior parte anda tresloucada. Muitas vezes são pessoas que sofreram toda uma vida, de uma maneira ou doutra e ainda que pisadas conseguem energia para ajudar os outros, muitas vezes aqueles mesmos que as maltrataram. Porque o senhor é sempre mais doente do que o servo.

Aos 13 anos recebi uma carta de uma namoradinha. Muito depois, falei com ela. Anos depois, esquecia-a. Não valia a pena a lembrança dela, não me consolava em nada. Muitos pais empurram os filhos para situações-limite, para situações onde eles acabam por se dar mal, não tendo voz no seu próprio destino. Porque muitos fazem isso frustrados pelo que foram e projectam o seu desejo de êxito nos filhos...

Para quem faz grandes descobertas epistemológicas fora da universidade, a vida não é fácil, sobretudo porque não há o conforto e o acolhimento do intra-muros.

Mas, por outro lado, é mais vivo e mais sincero do que na faculdades, onde a sacanice e a inveja imperam. E a intriga intelectual por vezes é bem pior do que a do mundo real...

Enquanto muitos iam, como numa corrida, em grupo, ajudando-se uns aos outros, eu ia só, talvez à frente, tentando segurar a minha posição. E eu? Estava constrangido a ver a TV da sala pequena, do escritório. Enquanto isso, Mikey havia batido no tio e ele estava a dormir connosco. No dia seguinte, talvez rumasse para Lisboa com ele, ou então de comboio, eu mesmo, desde há 32 anos, mesmo sem o afago de mulher alguma. Os problemas de Manu conduziram-no à casa dos meus pais, onde veio ficar umas noites. A obsessão é um elemento de pensamento fora do âmbito redondo do pensar e convida o sujeito a alienar-se nessa terra de ninguém do que está *fora* do pensamento. Depois, pensava: os meus pais? São eles, sempre, a tentarem comunicar comigo, para que me torne um homenzinho e supere certos traumas. A coisa está assim: consegues o que queres, se souberes os segredos da sociedade, que não muda assim tanto. Assim que os souberes, abrem-te as portas e consegues. Mas tenms de renovar a tua reputação.

Nunca fiques à sombra da bananeira, como é costume de muitos. Luta, luta sempre e chegarás aonde mais ninguém chegou! Mesmo assim, não é fácil aguentar uma pessoa destas, que tinha tudo para se sentir orgulhoso com os filhos e no fim da vida está com eles a sete pedras e a minha mãe vai pelo mesmo caminho. Mas há muitos assim. Outros, que os filhos são os maiores estroinas e bêbados e eles queria ter filhos como nós o somos. Eu, no meio da dificuldade, tenho conseguido bastantes coisas e sobretudo aquilo que mais preciso, a criatividade. Quem não está bem consigo mesmo, encontra sempre alguma maneira de implicar com os outros. Solucionei bastantes problemas, filosóficos e tanto, fiz a minha antropologia e continuo vivo e atuante, ainda estudando um pouco de teologia, para manter a minha saúde psíquica e por uma relação com Deus que se vai intensificando...

Ainda procuro fugir da solidão. Mas, ao menos, ainda que mal, tenho alguém com quem falar por aqui, em Riachos. Deixo-me ir no tempo, procurando descansar dos últimos dias.

Por isso, sem me referir à relação entre Ego e Superego, adianto a noção de um segundo Eu, que está entre o primeiro e o Outro. Seria o Eu-Outro, melhor Outro-Eu. Teoria esta que foi desenvolver mais adiante, noutra lugar.

Nesse dia de quase Inverno, por sinal bastante luminoso, mais um acesso de raiva do meu pai contra mim. Ele odeia-me mesmo, esquecera isso. Só me resta voltar para Lisboa e esperar que os meus irmãos continuem a ajudar-me.

Por vezes, não temos palavras. Não é que não surjam no nosso espírito, bem como as imagens e os conceitos. Estamos sorvendo a realidade e odiamo-la, detestamo-la. Por vezes, pensava: "Eles não querem saber de mim ou elas não querem saber de mim, o mundo não quer saber de mim". Seria fácil ir às meninas aliviar-me. Mas não, não o fazia, aguentava, como a minha mãe aguentava o meu pai. E ouvia o êxito maior dos Ornatos Violeta, sugeridos por Tomás. Podia ser um bom intelectual, gay ou bi: mas pouca ganhara com isso a não ser prestígio. Por isso, finalmente, era um exemplo de ética. E as coisas começavam a desanuviar-se...

Sorvia a antipatia de Brígida. Fui comprar um maço de cigarrilhas logo pela manhã. E, como bom antropólogo, embora a academia tivesse um prurido enorme em falar comigo, cheguei ao final da equação: assim como eu alimentava maus pensamentos em relação a Dany e ele em relação a mim, eu sabia-o, o meu pai alimentava em relação a mim, ao ponto de me odiar. E eu também em relação a ele. Mas, a certo ponto, deixei-de o fazer, não sei como, não sei porquê...e talvez assim as coisas se solucionassem, antropologicamente.

45.

Fui comprar um isqueiro, ela tratava-me tão bem. Era a única pessoa que me chamava Doutor, todos os outros não o faziam por inveja, porque não queriam dar o braço a torcer. No entanto, eu era isso, Doutor, há mais que tempo. Não estava bloqueado, simplesmente não tinha interesse senão no futebol, ainda que fosse o Porto a jogar.

Considero „O Besugo“ um dos melhores textos que já escrevi, procurei resgatá-lo mas nem na internet está, nem nos meus CD's de salvaguarda, nem em papel. Terá ficado perdido para sempre? E haverá alguma continuidade na minha obra que o permita, de certo modo, conhecer à mesma?

46.

A minha experiência tem-me demonstrado que a carreira, universitária ou laica, se faz, neste país, por simpatia ou interesse, não pelo valor da obra em causa, não pelo mérito. É a lei do desenrasque no seu melhor. E as mulheres vão atrás disso, do bom partido, por isso talvez sejam mais prostitutas do que aquelas que cobram dinheiro por uma relação sexual. Isso, em certo sentido, é mais honesto, porque é gritante, desesperado, como de pão para a boca, não é calculista. Mas a sociedade não quer saber de honestidade....

Passado algum tempo, já encontrei „O Besugo“, que estava desaparecido na net, nos CD's e DVD's eno papel.

47.

Ainda andava ocupado com as calças. Depois de ter chegado ao estrelato social, preferia ser espetador, ter uma vida mais ou menos recatada. Ainda não arranjava mulher e isso parecia ser cada vez menos possível. Ainda tinha desejo por estar com uma, mas a tal não aparecia. Os meus irmãos martelavam-me na cabeça por causa das contas e o que eu fazia ou não fazia com 270 euros mensais. Enquanto alguns, na academia, recebiam mais de dois mil euros, eu produzia o mesmo ou mais com diminutos euros e sem afecto de uma mulher para me apoiar. Todos eram duros para mim. Voltei à fala com Dani e não me fez diferença alguma. Assinei por correio uma série de revistas e jornais religiosos e meu espírito estava

reconfortado, mas as obsessões mantinham-se, manifestava-se até mais violentas, mas eu continuava a acreditar no Deus que me trouxera até ao momento presente. Comecei a escrever à mão „O Desvario do Mundo“.

48.

Haverá um conflito entre filosofia, que associamos à teoria, e prázis, *tecné*? Eu vivo todos os dias esse conflito e recorro à minha experiência para não deixar absorver o Eu pelo que é o pântano da filosofia hoje em dia, em que temos de nomear tudo e mais alguma coisa e nada fica de indizível, de religioso, de numinoso. Um fim de semana sem olanzapina, julgava que morria. Depois, a coisa

consertou-se, não fui à Missa logo na segunda, mas contava ir na Terça ou na Quarta. Continuava a não ter sorte com as mulheres. Entregara mais um requerimento para discutir a tese. Muitos queriam fazer-me ver com não gostava das mulheres e todas e mais algumas dessas críticas, custavam bastante, sobretudo porque não tinha ninguém com quem desabafar em casa. Mas, por essa via, tornei-me mais forte. Apenas queria quebrar a malapata da tese e partir para outra descansado. Porque a loucura é essencialmente social, talvez o sujeito moderno precise de reencontrar a intimidade perdida...

do Alto dos Moínhos, ela olhou fixa e demoradamente para mim, olhos nos olhos, embora fosse mais nova, mas depois desviou o olhar para algo lateral a mim. Regressei a casa e pensei no assunto. Estava cansado, mas não desistira de procurar o amor, por mim mesmo, pela minha saúde psíquica, não para fazer-ver em Moscat... Queria acreditar que nada é por acaso, que ainda podia ser (mais) feliz...

Estava no fim de qualquer coisa, que seria o princípio noutra lugar qualquer, para mim ou outra pessoa. Mas não me sentia vencido, nem por sombras. Desde que escrevera a tese, nunca mais havia pegado nela, também ninguém me havia dito alguma coisa sobre ela, para a modificar ou não. Mas não era a tese que me preocupava, era a falta de boa vontade por parte da faculdade em fazer a discussão pública. Não é que eu precisasse de boa vontade, a tese estava bastante boa, eu tinha consciência disso, embora demasiado autobiográfica, era o único senão que tinha. Punha-se a hipótese de fazer a discussão noutra lado, mas eu ainda sofria com tudo isso, como se tivesse uma espécie de síndrome pós-traumático da tese. Dava-me vontade de rir o modo como eu sofria com tudo isto. Muitos nem metade do trabalho tinha e tiravam mais proveito. Eu não podia esperar ser famoso após a morte, nem sabia que isso iria ou não acontecer, eu não trabalhava para isso, trabalhava para o presente, eram os frutos do presente que me alimentavam a verve de escrever e mais escrever...

Por um lado somos fortes, por outro mais débeis e frágeis do que tantas plantas, seres vivos, animais que há na natureza ecológica. E somos como eles, também, porque a nossa força também é insidiosa. Por isso, em tempos, escrevi „O Livro das Viagens Insidiosas“.

Esqueci a tese por uns tempos. Mas ainda não havia desistido. Tudo era uma questão de dinheiro. Não era para me armar em vítima, mas fora ostracizado e conseguira dar a volta, não precisando de muita gente para me valorizar ,para me tornar mais rico. Gay ou bi, qual o problema? Hetero também. A sociedade tende classificar e isso é culpa de muitos filósofos e antropólogos, de teólogos. O que para muitos era um problema, para mim estava deixando do o ser, pela via da fé e da religião, essa religião que reiterava constantemente em jaculatórias diversas a análise de certos problemas do corpo humano e da mente, do espírito mais ou menos inquisitório face à realidade. Seríamos, antes de mais, ET's?

O dia estava quase feito e mal havia começado. Estava sentindo felicidade em Moscat, depois de algum sofrimento, Quietiapina e coisas do género. Ms nunca me drogara nesses tempos. Nem procurava isso. Mas tinha de ver um sentido no meio daquela situação, começar a ganhar algum dinheiro ter a minha autonomia financeira face aos meus irmãos, só me faltava isso para cumprir uma vida desejada e realizada. Ms continuava só e a produzir. Terminara „Deriva Filosófica“, um misto de filosofia, teoria social, psicossociologia e notas pessoais.

E jogava o meu corpo em enlevo, através da cidade universitária, talvez procurando desesperadamente Susana. Na Igreja chamam-me maluco, as beatas. Se calhar até sou, se calhar até não sou, sendo um tipo conceptualmente corajoso. Uns fizeram mais do que eu, outros menos, mas continuo sempre fazendo alguma coisa, e ironicamente há mais prazer no processo do que no resultado. É como parir um filho.

Comecei, desse dia solarendo e até pouco frio para a época, „Deriva Filosófica“, volume dois. Liguei à minha mãe e tudo parece estar bem. O meu pai anda no registo dele, não se pode chatear demasiado que logo se enrva. Sempre foi assim, não sei como há-de ser diferente agora. Mas, enfim, descubro algum sentido cristão em tudo isto. Oiço por companhia a Rádio Maria enquanto, neste início de Advento, vou arranjando alguma coisa para fazer e procuro não me preocupar em demasia, estes dois últimos dias não têm sido fáceis, estou acometido de violentos pensamentos negativos e obsessivos. Ainda continuo a tentar discutir a tese sem dinheiro, por outra via terei de pagar dois mil e quinhentos euros. Vou assinando alguns boletins e revistas religiosas, para me entreter a ler à noite e conseguir alguma paz. Creio que estou no bom caminho, mas a porta é estreita e só os meis valorosos e persistentes a conseguem transpôr. O caminho não é fácil e procuro evitar e domesticar, ao mesmo tempo, uma certa tendência para o pietismo e a beatice. Como diria a música dos Iron Maiden, „Nothing else matters“.

54.

Sentia um ardor dentro das cuecas, do lado de trás. Não deveria lavar o rabo no banho? Umas vezes sim, outras vezes não. Alguns tipos telefonavam-me a contar fantasias e eu dizia Stop todas as vezes. Vesti as mesmas calças de há dias, não as tinha posto para lavar. Ah! Sim! Fiz uma máquina de roupa e uma de loiça, fui comprar comida e consegui fazer um arrozinho branco com feijão preto. Nesses frios dias, cumpria o meu trigésimo ensaio de 42 páginas, intitulado „Os Critérios das Pessoas“. Entretanto, não posso continuar esta obra enquanto não acabar o Projecto 42/42, ou seja, 42 ensaios de 42 e duas páginas cada. Ou posso? Por vezes, julgo-me onnipotente, no reduto da minha casa. Outras vezes tenho leite escorrego pela coxa. E não escondo isso. Lisboa é a minha aldeia. E penso no meu

irmão: é feliz com pouco, como eu. E na minha irmã. Afinal, talvez esteja poupando dinheiro para dias melhores ou economizando para os pequenos, nestes tempos difíceis e frios.

55.

Continuo sem grande inspiração no trinta ensaios. Eu como que „enchendo o depósito“ da realidade que me cerca para depois despejar o saco. Fui a uma consulta de psiquiatria e talvez fosse a última vez que tivesse visto a médica. Mas continuo os meus ensaios, de uma maneira ou de outra, tentando chegar a um objectivo de-terminado, a meta, os 42 kilómetros de pensamento.

Ainda que em casa, o pensamento flui, vou combatendo a solidão, entre a América e um hospital psiquiátrico onde podia estar indefinidamente, para sempre. Tenho a minha estratégia, claro, as minhas ambições, claro, os meus desejos a realizar, claro que sim. Mas é resultado de algo que foi sendo construído ano após ano, com bastante esforço.

Devia de deixar de escrever, mas não sei fazer outra coisa...ou melhor, sei fazer muitas outras coisas, mas não me ponho a isso. Gosto mais de andar de comboio, ver diferenças na sempre mesma paisagem. Preparo-me para sair de casa. Mais uma missa. As mulheres entendem, mesmo que possa parecer que não, certo é que muita gente fala de mim, mal ou bem, terei dado algumas razões para o fazerem, mas a minha santa mãe sempre disse que não é bom andar nas bocas do mundo. Por isso, não tenho complexo e ser esquecido nem luto contra essa maré, não luto contra essa corrente. Deixo escorrer o que há para escorrer, entre o pensamento dos fundilhos e a metafísica do social.

A consciência do corpo impede que nos apaixonemos. A paixão é transcendental, puxa para cima, não para baixo, enleva-nos, sublima-nos, tona-nos deuses, se me é permitido o sacrilégio. Terminei 42/42 ontem. Não é para publicar, os originais estão debaixo da cama, à espera de quem os leia um dia. Tinha de fazer alguma coisa para arranjar namorada, não podia estar passivamente à espera que ela aparecesse, tipo telepatia. Sim, também fiz 42 anos nesse dia. Não pretendo deixar uma marca maior do que aquela que tenho deixado, pois essa é importante deveras e que eu posso desenvolver, devolver, de certa maneira. Os dias passaram e ainda estava ocupado com os fundilhos, fui à Missa e fiquei chateado nesse Domingo por estar só, fisicamente, ainda que pensasse sobretudo nos meus. Decidi continuar estas Calças a fim de me livrar de uma malapata que teve o seu ponto culminante em 42/42...

Nesse dia de Domingo, vendo um jogo de futebol feminino ao final da tarde, não estava chateado por estar chateado, pensava em diversas pessoas e chegava ao ponto de ser feliz, mesmo tendo acordado angustiado e, a meio da tarde, me ter quase passado dos carretos. Procurava ser otimista, alguma miúda haveria de vir à minha Quinta na Floresta, alguma coisa haveria de continuar (a ser feita).

Nem sempre é altura ideal para escrever. Mas, mesmo assim, eu escrevo, continuo agora no teclado, depois de perceber duas ou três coisas sobre o ambiente em que vivo. E não tenho grande vontade de sair de casa, andar pela cidade desguarnecido, aborrecido. Posso ficar em casa, posso sair, mais daqui a pouco, que agora vou comprar o almoço. Mas não tinha pressa, desta vez suspeitava que o tempo jogava a meu favor. E a miúda do outro lado do pátio lá estava, à janela, estudando... Era tão bom, sabia tão bem, voltar a ver o teclado, ainda que sujo, voltar a ver o écran em branco, não fosse o pc ir abaixo novamente.

E dava-me assim um certo cansaço hermenêutico, escrever, coisa que eu fazia relativamente bem e frequentemente e não publicar grande coisa. Eu não era um artista conivente, bajulador, naquela altura. Tu sentes-te só e fazes o quê? Bebes, fumas? Há tanta gente sem razão neste mundo, tu ao menos tens um propósito, um fito, que é levar uma vida social normal. Também os outros. Mas eles vão além disso, jogo, sexo e tudo o mais. Não tens ido à Igreja?

Ginga da bola, do pensamento, de um lado para o outro, ora inquieto ora sossegado, Pessoa diria melhor. O respeito que ainda tenho pelo papel em branco, pelo teclado, em branco também, surpreendentemente. O Estar aqui, o ter chegado aqui, o ir ali que não me preocupa demasiado. O respeito que devo a mim próprio.... Essa é uma forma de construção mais ou menos arquitectónica, na logicidade dos dias, quando te recolhes aos teus aposentos depois da missa...tranquilo, eivado de vida ainda, não exangue, mas pleno de consciência e corpo. Não há muito mais para dizer. Mas tu continuas, talvez em nome dos outros que te fizeram feliz...E, mais, eu digo: sexo e religião? Porque não? Porque o sexo é tido como coisa baixa, quando é, na verdade, algo de transcendente, a que acedemos tão poucas vezes mas que reconhecemos ser bom, salvífico até, uma coisa que dá sentido à nossa existência.

E, à Luz de mim próprio, muitos se aproveitam, porque não pensam por si mesmos, estão à cata do que um tipo pensa para darem o próximo passo. Depois da tempestade, tudo fica na mesma e a velhota está chateada, deixa-a estar, não sei se hoje vou à homilia, talvez tenha de apanhar um reprimenda, no horizonte nem na cama, nenhum corpo. Ainda assim, persigo o fito, persisto adiante, como se não fosse nada comigo e as pessoas, na rua, dizem uma e outra coisa, quando eu persisto, sem insistir grande coisa, apenas precisando de um ar saudável para respirar, além do meu pensamento, além da americana forma de pensar...Afinal, isto são apenas letras e mais letras...

Genésio reapareceu na rua, com uma muleta, falei com ele e disse não me conhecer. Tudo bem, ele costumava estar a ler o jornal no fundo da rua. Dois tipos falavam de um larilas quando eu passei. Decerto que era eu, mas não fiquei como virgem ofendida, pois percebo que a marcha de sociedades e civilizações tem que ver com esse macho hegemónico que, na maior parte das vezes, só faz merda e é

tão fraco que bate repetidas vezes em casa à mulher. No meio do meu desespero, depois de ter estado três meses sem ver sexo na internet, com uma e outra masturbação, voltei a esse feixe de sentido, esse vórtice de compreensão absoluta, essa antropocena que quase nos cega e deixa ressaca, obviamente, no meio desse desespero, tentando esquecer, vi uma miúda gira que trabalha no supermercado, não a outra que não faz o meu tipo. Fiquei pensando nela.

Sim, entre Riachos e Lisboa, a mesma sina, o mesmo cansaço. Normalmente

gostava de estar deitado na cama, à noite, pelas dez, com a TV ligada sem som e a Rádio Maria, mas por vezes chateava-me e passava para a Rádio 80. E assim adormecia. Sim, quebrei a malapata antropológica da mulher do bairro para mim, já que tinha casa. Era Alícia agora o meu novo amor, pelo menos tinha os olhos bonitos e talvez quisesse morar perto do trabalho, sei lá, talvez gostasse de mim. Ou não, era tudo ilusão. E eu embarcava nessa ilusão. Puxava de mais um cigarro. Estava de ressaca, por acaso nesses momentos dava a Renascença. E eu sentia-me sobrevir, novamente, à superfície de mim mesmo e da razão do social. Descobrira mais uma grande lei do comportamento humano, A Lei da Razão Coincidente, devidamente exarada nos meus escritos, desta vez a vermelho, porque se haviam acabado as canetas a preto e azul.

E, estando nisto tudo, estava mais perto das pessoas, na rua, falando com este e aquele, ou seja, descendo do pedestal do filósofo. Sim, fazia uma pizza e agarrava o momento, procurava estar descontraído, mesmo depois de falar com a minha mãe, que andava aflita dos olhos e dos ossos. Mas ela lá ia, no seu pequeno e espaço e eu também, de uma maneira ou de outra. Dessa vez, no supermercado, não comprei álcool, apenas dois litros de cola por uma moeda de um euro...

Mas, por outro lado, também reconheço que ser macho hegemónico, manter-se macho hegemónico, dá muito trabalho, por vezes temos de aturar tudo e todos, uma mulher chata com peneiras que não sabe o que quer e que, face ao mergente poder delas, a maior parte das vezes não quer saber do casamento, seja ou não por fachada, porque acha que tem mais coisa útil que fazer, compras, jóias, passeio, festas com as amigas, ou seja, a mulher é e sempre foi vaidosa.

Enquanto o cientista social procura um padrão na realidade, o escritor como que aceita tudo o que vê, é uma testemunha fenomenológica dos acontecimentos. Eu estava nesses tempos, um pouco nos dois registos, pois permitia camuflar-me e mudar de direcção quando mais me convinha. A favor de uma imagem social? Por certo, mas também a favor da literatura, da filosofia, da ciência do social. Se juntarmos um pouco de poesia, sai um belo prato de culinária...

Sim, estou a todo o momento de me perder e a todo o momento de ser salvo, por uns belos olhos, por um belo corpo e um sorriso mais ou menos maroto, afinal é esse o sal da vida, as relações. Apetecia-me fugir para longe e gritar, sei lá, vitória, assim, qualquer coisa parecida, mas fico por aqui, neste espaço, como um gatinho, sorvendo o ambiente ao redor...

Ainda havia pessoas que me desconsideravam, enquanto eu sabia que nada tinha a provar. Diziam que eu era deficiente, por ter uma reforme de invalidez. Nisso, nesse processo, o meu pai e a minha irmã tinham bastante culpa, mas também a minha mãe, infelizmente. Mas quem tinha mais culpa era eu, porque o havia permitido, porque não reagira atempadamente. Digamos que me fiz ao piso, que me desleixei. Havia pessoas com patologias maiores do que a minha que não recebiam nada, obviamente. Seria eu um protegido? Protegido do quê? Talvez tivesse acontecido isto tudo porque tinha de acontecer, para não me armar em esperto, como diziam alguns. Mas eu só queria viver a minha vida, normalmente, pensando que a coisa iria melhorar, de uma forma ou de outra...

Quanto ao ser gay ou bicha, ser hetero, eu não forçava. Não tinha convívios com homens, nem pouco mais ou menos. Mas as mulheres não surgiam na minha vida e há oito meses que não estava com ninguém, parecia bruxedo ou peçonha, mas também não saía grande coisa de casa, estava à espera de conhecer alguém pelas vias que não sabia muito bem explicar, seja online seja no real. A crença religiosa estava um pouco em baixo. Estaria ela a condicionar essa resposta face à realidade

dos outros? Sair do armário, ficar lá, isso não resumia o que era uma experiência sexual, bem mais rica e excitante. Mas eu não podia passar sem religião, pois era um devoto. Como faria então? Falar com alguém? Continuar a especular? Ler umas coisas?

mecanismo da OCD anal), seria porque queria que o fizessem? Era difícil de entender. Por outro lado, compreendia-se que eu queria estar bem, limpo, em forma, na apresentação à vida social. Isso sim, fazia algum sentido e daí para em diante não fazia sentido à mesma porque era tudo muito racional e as emoções ficavam submersas na minha psique, dias e dias, que eu tentava libertar com o álcool. Mas fazia algum tempo que não bebia e andava mais ou menos bem. Estava em casa dias e dias e apenas saía para ir às compras. De quando em vez, via que tinha algum dinheiro para cigarros avulso e lá ia, de manhã, antes de receber, ao monhé da rua comprar dois, três o apenas um cigarro. Eram os que melhor sabiam, logo pela manhã, desperto, soltando o ar a plenos pulmões. Por vezes doíam-me o coração e os pulmões numa ardência bem grande, como se estivessem a queimar. Por dias, deixava a cozinha toda desarrumada e o pó encostado aos cantos da sala, do corredor, do quarto. Tudo isto era canceroso, eu sabia, por isso abria um pouco as janelas para entrar o ar puro...

Portanto, a coisa era peçonha, era higiénica, não tinha nada que ver com penetrações, desejar ser penetrado por detrás, de gostar de homens. Ou seria que esse meu „reflexo de antebraço“ no banho me dizia algo mais, de vidas passadas, de almas passadas? Terei eu sido mulher? E o tamanho do pénis tinha que ver com isso? Podia não ser grande, mas também não era pequeno e mesmo que fosse, trabalhava bem melhor que o de outros, desajeitados em sua capacidade de amar...

Quanto aos vizinhos, não diziam nada. Mas também não chateavam, embora ouvissem duas vozes particularmente irritantes que falam sobre mim, a de uma mulher, no lado, a de um homem, no outro. Mas dava cada vez menos importância a isso. Aqueci um bocado de pisa. A coroa de espinhos estava no rabo. Isso dizia-me alguma coisa de notório? Era coisa a que eu dava importância... Sim, também gostava de andar com cuecas confortáveis, anatómicas. Isso seria o mesmo que andar com fralda? E então, não havia muitos idosos que andavam com fralda? Seria eu ainda um bebé adulto? Não queria crer nisso...era um homem sózinho que procurava fazer frente à vida, por vezes bastante corajoso. Não o maior, mas um dos melhores.

Essa tua pulsão de fazer amor com todas as mulheres...tens de considerar isso, fazer sexo é de alguma maneira amar e o excesso de mortes pequenas conduz-nos à morte grande, a final, o desaparecimento. Sabes disso. Sabes, no entanto, que não é bem assim, que precisas de fazer sexo com a pessoa certa, que te entenda, que te satisfaça não somente no aspeto físico. Por isso te sentes só. Senteste-te incompleto... Tens de considerar isso...

Muitos, mijam de fora e pensam, para sacudir a água do capote: „Ela limpa“, são esses os machos hegemônicos e as mulheres obedientes. Mas também há aquelas, feministas, que gostam de mandar em homens. Talvez essas, ainda que poucas, sejam as piores. Depois, a Igreja relata um discurso de susmissão, de um Deus que se deixou torturar e matar pelos homens, quando precisamente eles esperavam que os deuses fossem sempre odientos e implacáveis. Alguns entenderam a Sua mensagem, outros não. E quando virá, de novo, esse Deus? Para alguns, já veio, para alguns, como eu, ele é todo o semelhante que encontro na rua, mesmo que diga mal de mim. As vozes voltaram e com força e diziam, „limpa!“, „limpa!“. E eu resistia, porque achava que não ia mudar nada, que apenas iria atijar ainda mais essa tarefa mental, de estar ocupado com as limpezas. E, rezar a um Deus que nos submete, pedir perdão a Ele? Sujeitar-me a esse Deus, quando pensam que sou ingénuo? No entanto, o curso do mundo prossegue, dentro de momentos, e outros deuses aparecem...

Depois, percebi que o sentido de comunidade no local onde vivia existia somente para alguns, quando muito para os velhotes que iam à Missa. Para os mais novo, havia uma espécie de comunidade „guetto“, à parte da grande cidade logo ali ao lado. Eu, no início, falava com toda a gente, procurava ter uma vida normal, mas em certos pontos, isso não foi possível. De modo que, agora, tento endireitar o barco e ter uma vida digna e respeitável. E ainda me perseguia essa imagem cravada na mente: „O Homem escondido por detrás do Antropólogo“, com todas as consequências, boas ou más, que isso, essa atitude, poderia ter. Toda a gente vê porno, até o antigo bispo de Braga via, quando passou na RTP „O Império dos Sentidos“...

Muitos pensariam que eu era ingénuo ou tôlo, que não tinha esperteza de arranjar mulher, emprego e carro. Pois, eu vos digo: fiz mais, muito mais do que isso; em tempo de fartura, fui para a religião, quase semi-nu, em tempo de crise apoiei os outros e andei com bastantes dilemas e preocupações filosóficas na minha mente, alimentadas pela antropologia que, aqui e ali, fui fazendo. Se me doutorei foi por pôr em causa muitas coisas que vocês nem duvidam que acreditam ou que duvidam que possam existir, ideias, pessoas, essa a minha paixão, de que nunca desisto, apenas de receber inúmeras críticas e não ter apoio

senão da família. E voltei à religião, porque lá ninguém me julga, estou à frente de Deus e da minha consciência, o Deus que se materializa numa hóstia que está no sacrário, ficaria horas a contemplá-lo, o que é o mesmo que dizer contemplar o Mistério da Vida, da existência humana que há em mim e em todos nós.

Depois, tinha grande azar com as calças: umas não tinha botões na braguilha, outras estavam demasiado rôtas no joelho, outra no buraco do rabo, vá-se lá saber porquê ou como. Não tinha sorte com as calças, mas conhecia a obra de Lévi-Strauss, havia-a lido de uma ponta a outra e ainda não chegara ao ponto de

perceber a ligação entre as calças e o famoso antropólogo que estivera na Amazónia enquanto jovem.

Acordo bem disposto, até meio da tarde estou mais ou menos entretido nas minhas coisas, a fazer uma lista dos registos sonoros, videográficos e dos livros. Talvez falem os ebooks... Durmo um pouco após o almoço, que é esparguete à bolonesa e sinto de novo solidão ao acordar, como se estivesse ficando azul ou indivisível. Masi sim, ainda: o que tinha o cú que ver com as calças...

Se tivéssemos de descortinar a origem das ideias absurdas a partir de um quadro de OCD, ou TOC, POC, como lhe quiserdes chamar, chegaríamos à conclusão de que a mente se pode ocupar, no tempo em que se aplica à realidade, de tudo e mais alguma coisa. Essas ideias parecem ridículas a nós mesmos, quanto mais a outros. Isso não é sinal de fraqueza, antes pelo contrário, é o modo como tu lidas com elas que caracteriza a tua domesticação do pensamento ilusório, das ideias que tu tens e que não corresponde à realidade, coisas ou ideias que não são reais. Mas...se elas te aparecem à mente é porque existem... Por outro lado, o mecanismo é este: as obsessões funciona, nos termos da limpeza do corpo ou das imagens eróticas incómodas, como uma mola para outro tipo de actividade e tu tens de controlar isso, aceitar umas e outras, isso é o modo como a tua concepção do corpo lida com a tua concepção do espírito. Não há solução, eu já em criança sentia isto, não é, nem terapia, nem medicação, nem cirurgia. Tens de lidar com isso, como tantos outros. Sim, a coisa advém de uma certa predisposição genética e tanto está presente em África quanto na América ou nos países nórdicos. Encara essas ideias como uma dádiva, estás vivo, como uma sacrifício que vais passando, por outra via ligado a uma actividades que sabes mais ou menos fazer, em que te destacar, a actividade criativa...

Depois, concluí, isto depois do Sócrates anda tudo pegado uns com os outros, tudo uma rabechisse pegada, homens com mulheres, mulheres com mulheres, homens com homens, e grande parte deles foge para os conventos e prisões. A maior parte estava nos hospitais para malucos, onde eu andei também um tempo, até concluir que estou muito bem por aqui, nos entrementes de uma realidade difusa e aleatória. É como os atrelados dos carros, engatam-se uns atrás dos outros, com ou sem sabão. Entretanto, enquanto ainda ia a meio deste recital de boa disposição, preparava já as minhas ideias para o seguinte projeto, o *Tratado da Reforma do Entediamento*.

A voz que oiço quase ininterruptamente dentro do côncavo da minha alma é a voz do povo e a do meu pai. Curioso, raramente oiço a da minha mãe, como se ela se misturasse com a minha voz interior e se transformasse nela mesma...

Essa voz, ora faz censuras ora faz críticas e abominações, mas também faz observações, constatações e elogios. Por vezes penso que não consigo dar mais um passo e vou ali ficar, parado, à espera de ciar para a frente desmaiado. Já tive grandes achaques da cabeça e acho que devia ir a um médico por isso, pouco me queixei, fui aguentando, qualquer dia uma veia rebenta-me na cabeça e nem dou por isso, caio redondo ou fico ali mesmo, deitado na cama...

Deixa de haver o conflito entre sexualidade e religião. Evito as coisas demasiado sexuais e não mergulho numa espiritualidade profunda e desligada do mundo. Assim, levo a vida pelo meio termo...

As obsessões, entretanto, intensificaram-se. Há já alguns dias que não escrevia, tomava uma ou outra nota, levantando-me da cama para o fazer. As provocações continuavam, por parte de várias pessoas em Moscat, mas eu, embora ficasse resolvendo isso por mim, pela minha cabeça, não respondia, não dava o troco na mesma moeda. A minha suspeita de que um ou outro falavam de mim era corroborada com o meu sentimento de solidão, pela descoberta de que Moscat não é uma comunidade, nem sequer uma comunidade de bairro, pelo menos no que a mim diz respeito. Então, o que é? O meu sentido de comunidade é diverso do das pessoas, que na maioria nem sabem que isso existe, ou que é formulado pelos cientistas sociais. Por vezes, jurava ir dar dali para fora o mais depressa possível, mas aguentava-me, arranjava justificações para me sentir seguro, ainda que os meus sentimentos estivessem bastante em baixo. Por vezes sentia atracção por uma ou outra mulher, na rua, no supermercado. Mas eu não avançava, as coisas não se concretizavam. Claro que eu queria arranjar uma mulher pra viver comigo, e de preferência de um raio pequeno em relação ao que eu estava. O que parecia fácil aos outros, era bastante complicado para mim. Mas, enfim, não eram eles que escreviam ou punham tudo em causa e quando assim é, acabas por perder o chão...

Mas eu gostava da casa, não sei porquê. E, por vezes gostava de Moscat, da antipatia e falta de resposta das pessoas, de ir à Igreja, de andar de um lado para o outro que não fosse em casa, fumando, bebendo. Havia envelhecido em poucos anos e ainda que meramente tivesse passado os 50, estava cansado, mas ainda tinha alguma reserva de energia e boa-vontade. Sim, a cidade, para mim, a minha cidade, havia sido ingrata para comigo, mas eu procurava não me queixar, por mais responsabilidades que pendessem sobre mim. Fosse ou não fosse à igreja, nesse dia, havia chegado a uma situação de completude, de satisfação e realização, ainda que não tivesse com quem celebrar...

A realidade, para mim, a realidade social, era como um intrincado sistema de relações e revelações, um enigma, à semelhança de muitos outros. Só que eu estava neste contexto e não deixara de ser antropólogo. Faltava-me ensinar, tanto as teorias dos outros como as minhas. E eu não trabalhava para proveito próprio, económico, pois estava de bolsos rotos naqueles dias, quiçá apenas para fazer as mulheres admirarem-me. Há mais de seis meses que não ia a nenhuma faculdade e até dava de barato o facto de não manter ou simplesmente ter, relações sexuais e carinho de uma mulher há cerca de oito meses. Mas resistia, persistia e via nesta espécie de metafísica do quotidiano, nesta fenomenologia dos nossos dias, uma forma de progredir, de viver, mais do que de sobreviver...

Como diz a canção „Se isto não chega...“, não chegará, nunca, jamais, em tempo

algum, vou ficar pensando e definhando por aqui, à beira-Tejo, ao menos vejo as águas em movimento e sonhos beijando um par de seios, um sexo descoberto ante mim...

Continuava a descobrir princípios de uma certa psicologia social, advinda da antropologia, da filosofia e não estava assim tão interessado em publicar essas coisas, essas ideias novas, até para a sociedade portuguesa em particular e para qualquer sociedade em geral, mesmo lá longe, em Timor, só para dar um exemplo. Uma prova da minha saúde psíquica era que eu continuava a escrever à mão e já iam longe os tempos do Projecto 42/42. Liguei ao meu irmão e ainda esperava participar nos dez quilómetros da meia de Lisboa, em Maio. Para isso, tinha de voltar aos treinos...o que dependia em muito do tempo quente...

O tipo do outro lado da rua, do lado para a frente da rua, deixara de aparecer, tinha as persianas baixas, a miúda da parte de trás aparecera esporadicamente a fumar um cigarro, à varanda. Eu recolhera a roupa e recolhia-me do mundo e alimentava um secreto desejo de ir à Igreja, como se a minha sobrevivência dependesse disso. Enquanto continuava a guerra na Ucrânia. O talhante continuava a falar com os clientes, agarrando-se de vez em quando ao telemóvel, meio gigolo, meio artista-parvo. Entretanto, o café do Açai estava fechado há não sei quantos dias, não sei quantas semanas. Enquanto os tipos da barbearia se entretinham a rir-se de tudo e mais alguma coisa, em suas virtualidades, ou seja, como se os telemóveis fossem mais importantes do que a vida, a vida social real.

O tipo do talho, olhando para o chão, penitenciava-se de qualquer coisa. Mas eu estava de olho nele, se me fizesse outra igual àquela que já havia feito, iria falar com ele, pessoalmente, tirar satisfações. E eu continuava a defender sem advogado. Lisboa, cidade ingrata, penasava eu. Seria devido ao cosmopolitismo? Não creio, as pessoas eram torcidas, mais mouras do que cristãs. Não sabia porque razão haveria de ir à Missa, aqueles que deveriam ir não iam. Mas a vida é esse sortilégio, nunca estamos no lugar certo, à hora certa, estamos errados e ainda assim patinamos, até estar certos. A felicidade dura pouco tempo.

A arte é também uma forma de ditadura, a afirmação do autor, do artista, face à inação política e à entrega religiosa. Porque, quando estamos em religião, estamos bem, ainda que inquietos devido às hormonas. Tudo é sexual, nada é sexual. Santa consolação! Entre uma coisa e outra, eu escolho o futebol. Foi o Ministro da Economia que mandou. E, não sei porquê, lembrava-me do miúdo na escola, a escola que eu frequentara em tempos e que deixara para ingressar na religião. Talvez tivesse sido parvo...agora colhia as consequências disso...escritor, solitário, antropólogo esquecido, filósofo de quando em vez, sem o afago de uma mulher...queria gozar a vida, mas não sabia como. Deixava-me estar, então, em sentido, no meu posto, em plena Lisboa... E, pela primeira vez, senti que podia acabar esta novela, talvez até mais do que as devidas 180 páginas, voltava aos bons velhos tempos do pinhal de Leiria e da Clara das Caldas, que levou com ele quatro vezes numa noite, em pleno ar condicionado.

Mas, pronto, face ao que os ucranianos estavam a passar, isto, toda a minha situação, era um mero grão de areia deste lado da Europa. Ainda assim, eu continuava a minha luta. E sem a mão amiga de alguém, quem quer que fosse. Por isso é que Lisboa era ingrata, para muitos uma aldeia, para outros uma cidade cosmopolita, mas que a mim nada me dera que eu não conquistasse pelo meu pulso. Estava entre um cigarro mais, uma bebida ocasional, e a continuação desta obra, agora com navegação à vista. Sentia-me solto e leve ainda que em casa e pronto a continuar a procurar o amor, mesmo que parecesse extremamente burro e esquizóide. O podíamos, eu e os meus irmãos, ter ficado em França. Ou Espanha. Mas não, escolhemos Portugal, porque no fundo, bem no fundo, somos verdadeiramente portugueses, os portugueses do exílio, que sentem a pátria lá longe, ainda que haja muitos que vão mais longe, como Camilo Pessanha.

Pensava, após uma cerveja preta na brasileira, nos meus amigos, nos meus inimigos e não chegava a nenhuma conclusão, era uma treta, uma corredor mental que tu tinhas por vezes de franquiar, como num escorrega do Aquaparque. Então, à espera de mais argumentos, tendo dado tudo o que tinha e não tinha, fechava este documento...

Ao fim da tarde poucos dias antes da chegada da Primavera, faço a limpeza e manutenção da casa e hesito entre ir à Missa hoje, Sábado, ou ir amanhã, ao Domingo, não sei bem porquê. Há duas semanas que não apareço na Igreja, estou como que imbuído de um conflito moral que me projecta e desprojecta para fora de mim, como se não tivesse uma identidade fixa, como se negasse a vida. Por vezes, sinto a luz, o Senhor ao pé de mim, mas logo penso „não quero ser escravo

de ninguém“, senão tinha ficado no convento, onde creio que, acontecer, seria também feliz, talvez mais do que por aqui em Moscat, onde a euforia e o sentido de posse alternam com a desilusão de estar só, de não ter com quem conversar.....

Precisava falar de alguém, falar das minhas teorias, encontrar um público, todo o escritor tem o seu público, o filósofo e o antropólogo os seus alunos. Havia, nesses dias, feito importantes descobertas, que não tinha apenas a ver com os porquês da filosofia. Envolvia alquimia, filosofia social, sociologia, teologia, antropologia social, lógica e semiologia. Continuava a tirar da sacola teorias e mais teorias, a que eu chamava de princípios, a fim de poder reuni-los todos num livro a que chamaria de „Princípios de Filosofia Social“...

As minhas investigações continuava, havia terminado mais um caderno de anotações e começado um ou dois ensaios, não sei para quem nem como nem tão pouco porquê. Apenas queria estar ocupado e a ocupação começa logo pela mente. Era a minha maneira de preencher o vazio deixado pela solidão, pela ausência, não-presença de alguém, ideia que me permitia ter sempre um objectivo fixo adiante de mim através dos dias. O meu irmão dizia para me dedicar à tradução...

Ao mesmo tempo, estava inventariando os meus sons, imagens e palavras, para que as pudesse, não digo estudar, pois ainda estava saturado delas, mas completá-las caso morresse depois do meu pai, ou da minha mãe e viesse a receber uma herança que, via agora, era mais do que justa.

Não cheguei a ir à Missa, não no Sábado , nem no Domingo, mas depois do almoço estive um pouco na Igreja, quando fui deitar umas garrafas no vidrão e comprar uma coca-cola para o resto do dia. Sortudo do vizinho de baixo que tem uma mulher e pêras...

E pronto! Terminei o *Inventário de Som, Imagem e Palavras*, um pouco cansado e confuso, as obsessões e pensamentos negativos atacam, mas eu resisto como um bom marinheiro em alto mar, na caça à baleia ou em simples missão diplomática. Continua os „Princípios“, vou em vinte, procuro chegar aos cem. Deverá chamar-se *Princípios de Teologia Social*. Talvez sim, talvez não. Entretanto, lembrei-me de *Herzog*, com Klaus Kinski...

Agora, faço o *Inventário dos Livros Eletrônicos*, enquanto o governo legislativo è apresentado e a velhota do primeiro andar lá faleceu, era simpática, a senhora. Telefone à minha mãe e ela fala-me das garrafas de vinho que bebo. Tenho, entretanto, de ir à Expo, à NOS, porque me meteram cá o 5G e ainda está pior do que antes, os inal não chega a este computador. Entretanto, o sol raia pela janela. É preciso ter calma, não dar o corpo pela alma. Mas...bem disposto pela manhã e cansado mentalmente pela tarde.

E depois ainda falam de racismo!..

Eu tinha muito por onde pagar, mas não o faço, deixo-me andar.

Decidi mudar de nome aos princípios que ia descobrindo, denominando-os de *Princípios de Ciência Social*, deixei de ir à Missão, não sei por quanto tempo. Estava em casa, pouco saía, apenas para comprar comida, duas vezes por dia. A minha mãe havia vindo a Lisboa, com a minha irmã e a pequena. Haviam feito uma limpeza geral e o apartamento estava um brinco, tirando a cozinha, com um prto num ou noutro canto. Estava ainda sem arranjar namorada para viver comigo, mas estava na mira de duas, uma portuguesa e a uma australiana, uma bonequinha bem bela. Como não tinha passe, não ia até à Baixa, apanhar novos ares, novas ideias. De modo que estava em casa e nem sequer avançava no Inventário. O que me valia, naquele dia, é que o Benfica jogava. Havia um fundo de tristeza e desalento na minha vida, desapontamento com os outros. Mas, na verdade, o culpado havia sido eu, pois ao projetar a minha mente para a filosofia, perdera terreno para o senso-comum e as relações, precisamente onde somos felizes.

No dia em que enviei uma proposta de publicação de *Transe* para uma editora conhecida do grande público, fui até à Baixa. Nenhum incentivo, nenhuma abordagem. Só críticas. A maior parte das pessoas por cá têm uma cultura bastante baixa, no que se refere às coisas mais importantes da vida. Falam para o ar ou então perseguem pessoas que, como eu, se esforçam, não sabendo que as defendo, no fundo. Mas, penso eu, quando há críticas é porque lhes bateu fundo na consciência e, de alguma maneira, é um bofe, um sinal de inveja. Nada mais. Eu analiso o grupo e o grupo analisa-me a mim. De certo modo, é injusto. Toda esta situação. Não estou só, nesta cidade, por acaso, mexi em muita coisa importante que a maioria das pessoas, mesmo os mais instruídos, não se atrevem a questionar. E voltei à tona, encontrei Deus, o meu verdadeiro amigo.

Precisava de dez euros para comprar mais alguma coisa, mas o meu irmão negou-se. Chega a ser um tipo bastante cruel, ele. Como a maioria daqueles que nunca ou raramente passaram mal. Prova as minhas idas ao hospital. De modo que esperava pelo que a minha irmã pudesse fazer, nesse dia. As pessoas de Moscat continuavam quase indiferentes à minha passage, desta vez à minha chegada. Talvez quisessem que eu me fosse embora, mas eu não fazia tenção de o fazer, ia aguentando a situação como podia, recebendo críticas e bocas daqui e dali, e nenhuma pessoa tinha coragem, boa vontade ou coração para me interpelar. Mas eu também não esperava isso. De modo que raramente reagia. Mas, uma vez ou outra, falava comigo próprio „isto não é justo!“ e continuava caminho, ainda que esse caminho fossem os meus passos no interior da minha casa...

Afinal, quem pensa muito na morte tem ainda muita coisa para „desfazer“. Está tão agarrado a esta vida, que não quer sair dela, como de uma caixa de ressonância a sua vida se se tratasse. Uma caixa de fósforos. Mas há também quem não pense na morte e esses são os piores, aqueles que não reflectem, têm horror à solidão e não são capazes de discutir um assunto, porque se entretêm mais a destruir e a construir, como meio de sobrevivência. Não abdicara de nada no manjar da vida, nunca tiveram fome, nunca escreveram ou realizaram uma obra de arte, ou seja, estão bem longe de Deus...

Ainda assim, nesse dia, consegui meter três artigos no Academia. Agora era só esperar pela aprovação, mas já tinha mais outros tantos armadilhados para o caso de esses três não serem aceites. Concluí que o que estava fazendo era um pouco de tudo, filosofia, literatura, ciência social, banda desenhada, grafismos quase inexpressivos...ao ponto de querer relatar o mundo que me estava à volta e na volta voltar a certas descobertas dos tempos de infância...

Nestes achaques, apenas queremos ter alguém que nos oiça, um ombro amigo. O resto são cantigas, balelas. Estes tempos difíceis precisam de pessoas lúcidas, porque a maior parte anda tresloucada. Muitas vezes são pessoas que sofreram toda uma vida, de uma maneira ou doutra e ainda que pisadas conseguem energia para ajudar os outros, muitas vezes aqueles mesmos que as maltrataram. Porque o senhor é sempre mais doente do que o servo. Ou será o contrário? Não sei bem. Não quero saber, mas ao mesmo tempo preocupo-me. Como temos que obedecer a um senhor que é Senhor, que se entregou na cruz. A Igreja cultiva assim, a submissão a um Senhor que nem sequer vimos realmente, fisicamente e o paradoxo seria senti-lo enquanto tal. Alguns conseguem, ver esse Cristo cósmico plasmado na sua mente. Talvez nos lançemos no jogo social porque tememos a morte, ou porque não a tememos, não sei bem, mas poucos têm a coragem para ir para um convento e confiar-se a um Deus que, aparentemente não governa (já não) o mundo. Ainda assim, vejo a religião como uma forma de saber Ser, de nascer para outras dimensões que não a mera lúdica parvalhice dos media, os novos e os velhos, onde se perpetua a repetição e não existe transição de mundos, viagem, que é aquilo que nos faz sentir vivos e, logo, felizes. Lamento os tempos do ISCTE, em que fui feliz e perdi a oportunidade de uma grande carreira internacional como antropólogo social. Lamento ter perdido Susana, com quem teria sido feliz. Mas...puxa! Tinha vindo do seminário e continuava a absorver muita coisa, ocidental e oriental! Clássica e tradicional!

Agora, não sei, tanto penso mal como bem, ainda assim, fui sendo antropólogo e ainda me sinto enquanto tal, posso dizer que é a minha profissão. Então, porque fui para a filosofia? Porque Nada...Tinha tudo, o Todo, e tenho nada, tendo de novo Tudo comigo, no meu pensar, na minha pele e entranhas... Pois, não tinha trabalho, ainda era pensionista, mas talvez estivesse fazendo muito mais coisas do que a maioria das pessoas, sem receber nada por isso e sem tal reverter a favor de uma pretensa imortalidade. Nada há melhor do que viver, esquecer para fixar,

num lugar, numa fracção íntima do tempo. Amar, como diz o outro. Depois, ia chegando à resolução do meu Conflito das Faculdades: o Caeiro estava na Nova, tal como o Bernardo e vários outros cachopos. Das Letras era um nó górdio, mas com o tempo, eu havia de chegar lá. Da Católica, eu estava dentro e ainda sem grande proveito. Havia-me oferecido a umas e outras. Mas não mais, nunca mais, fixava-me como "independent researcher", ainda que assinasse pela Universidade de Lisboa que, para mim, era uma entidade meramente teórica a quem prestava certos serviços de autoria nas mais variadas áreas temáticas.

Ser antropólogo, naqueles tempos na península ibérica, era ser um pouco como Giordano Bruno, ou seja, agir e pensar pelo mundo e ao mesmo tempo ser desprezado por ele. Depende, então, das noções de poder que tenhas em mente.

Continuo a minha Odisseia, ainda que longe de Odessa, longe da Grécia. Estou ocupado com duas obras, os *Princípios e Pensamentos quase Perfeitos*, que seria uma ultramaratona inicialmente, ou seja, 90 pensamentos ou expressões de pensamento, mas serão muitos mais, até dar, até parar, como um carro sem gasolina no deserto. Sentia que devia parar, sob pena de me transformar num monstro de escrita e solidão. Já não saía de casa, já não me distanciava da minha fonte de inspiração por receio de que ela secasse. Estávamos na semana santa e eu passara um bom e feliz fim de semana em Riachos, já não era Riachos, nem Alcamen, voltara a ser Vermoil...

Tinha um jogo de xadrez aberto, a televisão no Discovery, no silêncio, e ouvia um best Of de David Bowie, o Master de Zapa Dada, que não dissera mais nada nas redes sociais. Bebia um pouco de cerveja e mais um café estava na calha. Quanto ao fumo, na mesma, desde há anos. E...ah! ainda estava dependente dos meus irmãos, quando liguei à mãe de uma antiga namorada e esperava que ela me dissesse alguma coisa, ainda que o *feeling* fosse remoto.

Sim, há dois dias celebrou-se Santa Madalena Canossa e hoje é São Victor de Braga. Escusado dizer que a minha avó materna era Carolina Canossa, enquanto eu andei em Braga e também sou Victor. Estes dois factos enchem-me a alma de contentamento. Tomo uma banhoca e vou à Missa. Ainda antes, bebo um café e talvez fume um cigarro. Que me importa isso? –diz o leitor. Importa-me a mim, o autor, tu lê's se quiseres, aliás, nem sequer compraste este livro, como muitos outros meus.

Mais do que uma conversa de merda, era uma conversa de chacha, de mijo. Estêvão era agora acusado de prisão no Brasil e em um ou outro país, ou seja, por ver pornografia e ter a sua fotografia em sites de encontros mais ou menos sexuais. Com tanta coisa que havia para aí!... Irônico, ele que pensava que estava a fazer tudo bem, mas bem, a internet tanto dá como tira, como aliás, a própria realidade, na qual ninguém tinha queixa de Estêvão...

Dei por mim a pensar no Dani, ainda, não o conseguia tirar da cabeça, talvez pelo ressentimento que lhe tinha, por ter um conceito de amizade diferente do meu, e em certos tipos que se armavam em campeões no café e que na verdade me tinham inveja, por isso constinuavam no mesmo registo extenuados de reiteração e afirmação da sua masculinidade. Na verdade, a explicação era política: eram quase todos PSD, enquanto eu era PS. Com muito orgulho e dignidade! Riachos era uma aldeia triste e tinha de ser eu a animar aquilo e aquele que mais lhe dera, lhes dera, era ostracizado. Acontecia, de resto, o mesmo em Lisboa em geral e estava para acontecer em Moscat. Se eu não pensasse em fazer qualquer coisa, com calma e paciência, porque esta gente era complicada, especialmente as mulheres, farejavam dinheiro onde o havia. E, afinal, eu estava velho de lutar, d esgastado, embora forte psicologicamente, ainda. Puxa! Tinha 52 anos!...

Acordo tonto de uma sesta. Não sei se vou à Missa mais daqui a pouco. De novo o sentimento de uma solidão atroz. Concluí, pela manhã, **Pensamentos Perfeitos**. Ainda continuo a escrever os **Princípios**. Estou de diarreia e com vontade de vomitar. Apetece-me largar tudo e mudar de vida, para outra coisa, mais saudável, menos responsável. Mas não posso, vou ficando por aqui fazendo qualquer coisa, jogando Gamão e Xadrez. As damas ficam para outro dia. A minha irmã e a minha mãe só me condenam, não conheço nenhuma espécie de carinho ou apoio. Sempre foi assim, sempre fui o patinho feio, embora seja o mais bonito e inteligente, como se não fosse filho, não pertencesse.

Organizei uma antologia a que dei o nome de *Antologia Esquisita*. Terminei **Quarto 304**. Iniciei, logo após isso, *Tratado do Entediamento*. Vou comprar o almoço e recebo alguns insultos pelo caminho. Nada a que não esteja habituado. Esta gente te, em certo sentido, menos nível do que aldeias como Vermudo. Mas eu não levo a mal, porque já sou conhecido, sou um homem do meio.

Não sabia por onde começar, ainda que tivesse muita coisa para contar, por outro lado não tinha grande coisa e apetecia-me viver, perder o medo de sair de casa, apanhar um avião que só parasse em Singapura ou Taiwan. Na consulta daquele dia, a médica queria implicar-me de coisas que não tinham nada a ver, como aliás faz a minha irmã frequentemente. Estava como que num exame de provas de doutoramento em psiquiatria e ela estava, desta vez, fria e implacável, na presença de um estudante de psiquiatria. Ela queria que eu me desfizesse e pedisse ajuda, ou seja, para me internarem, mas eu pensei, até mesmo antes de entrar nos portões do hospital, „era para ir para a América e internaram-me, com o doutoramento querem fazer o mesmo“. A minha cabeça não era nenhum laboratório. Peguei na receita dos medicamentos e vim-me embora.

Olhando para mim, pensaria que havia algo de inocente nos homens que justificasse algum tipo de solidariedade. Mas não havia, o meu terreno, Moscat e Lisboa, Vermudo e Alcamen, entre outros, como o interior de um comboio regional, não me eram favoráveis, mas eu continuava, ainda que qualquer outro antropólogo arranjasse maneira de nunca mais lá voltar, aqui e lá...

O Denis lá continuava na aldeia, o meu inimigo desde a infância. Mas também havia outros, como aliás em Lisboa, inimizades em grande parte causadas pela inveja. E eu ia adiante, nem me preocupava muito a consulta com a médica, continuava a inventariar PDF's, não sei porque razão, talvez apenas para manter um registo dos meus textos. Meus e dos outros, obviamente. Lisboa, naquele tempo (só naquele?), estava cravejado, pejado de putas, elas queriam sempre algum coisa em troca. Muita dessa atitude foi, ao longo da história, a desgraça de muitas mulheres...

O que eu mais estranhava em mim, era uma aparente atitude de passividade face à injustiça que estava passando sobre a minha cabeça. Tantos livros, um doutoramento, ainda que aos 52 anos, desempregado, sem posses, ainda a produzir...tudo isto era, ao mesmo tempo, bastante estranho. Ainda por cima ia à Igreja, como se tivesse um rol de pecados inconfessáveis...

É isto Lisboa? É isto uma grande cidade? EU te digo, a maior parte das pessoas são masoquistas, é como o meu irmão diz, estão doentes porque querem ser clientela dos médicos, porque se queixam e assim vão mantendo o papo cheio, bem como os médicos. Mas eu não os invejo, tenho mais liberdade dentro e fora da minha casa do que eles...e ela perguntou „e a pedofilia?“ Estava para me rir. Ahhhahahha! „ Depois, insistiu: „ E a masturbação?“ Logo ali, quando ela me queria usar para a formação de jovens psiquiatras, percebi que a tipa me queria incriminar de qualquer merda. Pegue na receita dos medicamentos e vim-me embora. Eu não tinha nada e o TOC era uma ficção, não adiantava fazer-me de coitadinho, acordava todos os dias sózinho na cama. Por isso, tinha de fazer qualquer coisa...

Tinha a cabeça pesada, mas a consciência tranquila, ou seja, sabia que me esforçava por tudo o que queria e, por vezes, sentia que tinha de lutar contra toda a sociedade para conseguir alguma coisa. Isso era injusto. Vi Ferdinando no supermercado e uma tipa sem máscara. Ao mesmo tempo, a minha irmã pisava-me os calcanhares, não sabia de quem era a casa onde vivia, estava chegar a um ponto de rutura, mas resistia, não sei como nem porquê, mantinha-me calmo. O meu cunhadoe stava tomando conta de tudo e nem o meu irmão, talvez nem a minha irmã, se apercebiam. Era o armazém onde tinha o vinho, era a casa principal, e ra o apartamento de Lisboa, onde eu vivia. E eu não estava disposto, nem de perto nem de longe, a fazer-lhe esse favor. Nunca gostara dele, acho que nem ele de mim, não era agora que passaria a gostar...

Sim, procurava manter-me calmo. É óbvio que precisava de uma queca. Mas...que fazer? Sair sem objetivo pela cidade? Bem o objetivo era esse...

Estavam passando as eleições na França. Le Pen ainda tinha hipóteses, mas Macron decerto que seria eleito. Por cá, tudo continuava na mesma, no reinado de Costa e Marcelo. Morria a grande Eunice Muñoz...

É proverbial a sina do palhaço: faz os outros sentirem-se feliz e ele sente-se feliz na sua intimidade. Com muitos antropólogos é assim, desejando o melhor para os outros, acabam por perder para si mesmos, num sentido altruísta um pouco bizarro e quase masoquista? Como alterar isto? Como desejar bem e felicidade ao Outro quando nós mesmos estamos sofrendo? A psiquiatria e a religião podem dizer alguma coisas sobre este assunto, decerto...só que não lhes convém, devido essencialmente ao poder, normalmente quem tem o poder não o desbarata, tenta segurá-lo de qualquer jeito. Mas há pessoas santas, não sei bem aonde nem quem...

A sociedade pelaja de oportunistas, veja-se a simples expressão „Pôs-se a jeito“. É uma conspiração coletiva, de todos contra todos, quando na TV se transmite a amizade e coisas do género, logo vem alguém para dar uma facada nas costas do parceito. A Violência doméstica revela isso mesmo, ou seja, a mentalidade das mulheres, não trabalharem, abdicarem da sua feminilidade para viverem debaixo do teto com o agressor e quando encontram algum que não lhes bate, logo o chamam de maricas, essa é a mentalidade das mulhere, odeiam hesitações, vendem-se pela boa vida, pelos carros e festas, enfim, futilidades e não são capazes de um único pensamento profundo. Pois eu tenho muitos e não bato em mulheres. Mais claro não posso ser. Claro que não.

Sim, tenho a certeza que o grande problema era ser pensionista. Daí a solidão, a falta de atratividade, mesmo que eu me esforçasse. Se tivesse um cargo importante e nunca tivesse mantido pública a minha patologia, decerto que lucraria mais, tinha uma ou outra mulher. Mas não, eu não fizera isso e isso revela muito do que são as pessoas do meio em que me movam. Estão mais preocupadas com a aparência do que com a essência, na verdade.

Mas, em tudo isto, alguns esperam que sejas santo para eles poderem ter um pretexto para fazer o mal, logo tornas-te cúmplice de muitos crimes e malfetorias de muita gente pois lhes dás o teu beneplácito e eles desculpam-se contigo, „a culpa é do santo“. Bem que podes interceder à vontade, só por causa do teu Deus ou da memória coletiva ou meramente do teu desejo de te tornares imortal, só que é do lado de cá, não sabes se é do lado de lá...

Depois, designei como meta chegar aos cento e cinquenta livros. Não era difícil nem complicado, eu tinha-lhe tomado o gosto, já ia nos 122. Mas não contava publicar coisas atuais, algumas estavam já debaixo do colchão, morrendo ou não esperavam por uma nova vida. Era assim que eu administrava a minha emoção, a situação de estar em casa. Ao mesmo tempo, saía mais e mais, não me prendia nem à cama nem à casa. Tinha de voar...

Sim, devia chegar aos 150 livros. Mas devia de descansar. Descansaria após isso, sabendo que todas as coisas literárias a que me tinha proposto, eu havia cumprido? Não sei não, era um fartar de vialanagem e de palavras. Ainda assim, não conhecia mulher, quase todas as que não davam trabalho eram putas... Vá-se lá compreender este mundo, à luz da antropologia e da filosofia, da teologia, e ainda por cima ter amor por ele...

Na verdade, já tinha chegado aos 165 livros, se contasse os 42 ensaios de 42 páginas...Hellás! Olé! SLB! SLB! Glorioso, SbL, glorioso SLB! Allez Allez! Benfica Allez!

Não me estranha não me falarem, não me dizerem nada. E sou um estranho caso de sucesso, mexi com muita coisa, na vida real e no mundo académico. Muitas ideias novas e inovadoras, tornei-me um peso pesado da vida lisboeta e, porque não dizê-lo, nacional. E não vou mais longe... Sem maminhos e palmadinhas nas costas...

Depois, algum tempo depois, depois de comer um hambúrguer, depois de ter estado em casa e hesitando se deveria ir ou não à Missa, juntei mais dois hipotéticos títulos, *Barão Planalto Xisto* e *O Inhumano*, o primeiro poderá ser uma revisitação de alguns dos motivos do livro de Alexandre Dumas, o outro, a revisitação desse planeta e terra longínqua dos estados de espírito que não são humanos, pertencerão decerto ao além ou a outra esfera do humano que está ainda por descortinar...

Por fim, ainda nesse mesmo dia, criei uma página no Facebook e um Blog sob o título *O Médico dos Livros*, podia ser também *O Doutor dos Livros*, mas bom, a solidão até me ajudava a ter ideias e mais ideias, teria de descansar um pouco, abrandar um pouco, olha a saúde, sair um pouco, nem que fosse dar uma volta ao quarteirão, pois estava ficando cansado, a médica dissera-me „Que podemos fazer por si?“, „Nada Dra., apenas que me passe os medicamentos, pois não quero ser internado, já o fui quando falhei uma tentativa de ir à América e não quero ir, agora que terminei os meus estudos, pelo menos a título oficial“. E adiantei-lhe: „Sabe, há muito mais coisas a fazer do que fazer um doutoramento, um pós-doutoramento, dar aulas numa faculdade, coisa que eu bem podia (ainda) fazer, mas prefiro dedicar-me a compilar músicas, filmes e livros, ver aqueles que tenho, eventualmente vender um ou outro (ajuda a fazer amizades, nem que seja através da internet), por isso estou fazendo uma lista de tudo, até de alguns PDF's que saquei da internet“... Há muito mais a ver do mundo, a aprender dele, do que aquilo que tenho feito, usar os sentidos, no fundo procurar Deus e o amor ao mesmo tempo.

A grande parte das pessoas leva uma vida miserável e espiritualmente pobre porque estão mais preocupadas com os outros do que consigo mesmo, não se aperfeiçoam. Isto me leva a discutir sobre o valor da vida, como ela deve ser vivida. E que tudo depende de um início, de uma busca pela vocação certa. Por isso muitos andam cá só por ver andar os outros. E a verdade é que andam tão à toa que nem se lhes lembra de pegar um livro e ler, de pegar numa folha e numa caneta e escrever. Vem tudo de um princípio, ou de um dom, que nem todos têm e que se desenvolve, pode nascer connosco ou não, mas é certo que se aperfeiçoa na relação com o mundo e os Outros.

Sim, falo por mim, falo da minha vida. Aguentei umas semanas e logo, logo, tive novamente curiosidade de ver porno, pela noite, antes de deitar, não conseguia dormir, estava angustiado, depois, usei o iphone , como não dava, fui ao videoclube da TV. Preciso de contar isto, porque estou angustiado, frustrado, isto está me matando, a saliva da boca da minha mãe contradiz a excrescências e vívidas impressões do porno, logo o complexo de culpa, como se fosse um menino pequeno e me desiludisse desiludindo os outros. Sim, gosto de ver porno. Talvez gostasse de o fazer, aí a ressaca em que estou seria maior. Penso no meu pai, que deu uma lição aos tipos da aldeia casando com a minha mãe, espanhola. O que poderei eu fazer? Tenha mais alguma coisa ainda a provar? Neste momento não me via como gay ou bi... Escavo em mim e escavaco-me ainda mais, mas procuro ter paciência, afinal isto são tudo imagens da culpa que orbitam na minha mente e se transladam de mente em mente, de cabeça para cabeça, numa troca infernal... Dá-me a vontade de sair dali, daquela casa, para longe. Mas aguento, um outro dia há-de correr melhor, uma mulher ri-se nas minhas costas, à medida que entro em casa, fui comprar um cigarro avulso ao monhé, mas bom, tudo anda para o mesmo, tenho de ser um pouco oportunista, morder o peixe, pois não faz sentido estar só quando defendo a sociedade e quando a sociedade nada me dá...só tira, tira e mais tira!... Ao mesmo tempo, agir com refelxo só por causa dos outros contraria a minha lógica interna e é como uma resposta a quem não a merece, que provoca umas vezes, outras alheia. O mundo está cheio de pessoas suferficiais, que nunca sofreram por um livro, uma dedicação, um destino.

Sim, as pessoas sabiam o que se passava comigo, que estava só e procurava namorada e nada faziam, mas bem, porque haveriam de fazer, isto é uma cidade, teria de ter uma mulher designada pela comunidade só por ser antropólogo? Não desistia, havia de chegar algum lado, mesmo que me custasse tanto levantar quanto ficar um pouco na cama... Estava habituado a estas desilusões. Mas...ah!, não tinha a força de antes, mas tinha mais serenidade, mais calma e discernimento. Ao mesmo tempo, apetecia-me o esquecimento, não dar cavaco a ninguém. Eis aqui um problema social: o antropólogo, cientista social, que não é gat nem bi e que não tem mulher. Estranho, pois já passaram quase seis anos desde que aqui cheguei. Seria só por não ter dinheiro à vista, trabalho, carro? Ou haveria uma razão mais funda que me ostracizava. Sim, talvez andasse em busca da mulher perfeita, imitando o meu pai, a sua união com a minha mãe. Talvez...

De modo que eu conseguia visualizar perfeitamente o meu estado e lugar na sociedade. Desde pequeno sempre fora assim: tinha poucos amigos mas era amigo de toda a gente. Aguentava, aguentava, sempre só essas coisas sociais, a coerção social e não tinha grandes apoios, depois iam-me abaixo. Assim aconteceu anos depois, assim acontece agora, a mulher do talho ri-se de troça e outra ri-se, lá do fundo do café. Já dei mais importância a isso, ao que as pessoas pensam. Eu, ao menos, procuro o sentido em mim, não me desculpo com os outros sobre coisas que fiz ou deixei de fazer, assumo.

Depois, calmamente, apesar da derrota aparente, comecei a perceber certos estereótipos. Por exemplo, muitas mulheres davam o rabo aos seus queridos maridos mas nem por isso eram gay. Então, a noção de gay, que já não brincavam aos buraquinhos, estava errada na mentalidade daquelas pessoas, que tudo levavam para o corpo. Era a orgia coletiva à pála de um tal Costa. Eu podia ter muitos pensamentos de merda nos fundilhos, mas sabia que não era gay, nem tão pouco bi. Era um pressentimento que tinha desde há longo tempo. Daí não me preocupar em desenvolver grande parangonas e parafernálias sexuais, além do mais isso, naqueles tempos, era luxo e suicídio social. Mas não me reprimia, antes pelo contrário...divertia-me e não levava a coisa tão a sério, como é apanágio de um francês... No entanto, as pequenas percepções da véspera no écran e na rua, persistiam em incomodar-me, como se tivesse um cilício de morte na mente...

Depois da orgia mental, a Musa telefona. Tenho interesse em fazer sexo com ela, não sei se depois vou à missa comungar ou não. Persistência, a moça do outro lado do prédio, continua a estudar ou a escrever, à janela. Esto aqui, por aqui, ao redor e lembro Herberto Helder, de uma maneira especialmente carinhosa, como fazem elas ao falo no filmes. Se estou a sair da casca? Talvez. O Zapa disse isso e depois de algum tempo deixou deixou-se de postas no facebook, não sei porquê, diz-me que está lançando um espetáculo em Lisboa e que virá à RTP2...

Talvez o tipo tivesse razão, o da biblioteca, devia ser mais amigo de mim mesmo. Imagens percorriam o meu espírito, como a bola de tecido junto aos cagalhões dos cães, na rua e outras mais, muitos mais imagens. Mas, ao contrário do que podia parecer, estava calmo e ansioso por terminar esta obra, seria no fim de semana seguinte, talvez, se não decidisse ir à Baixa, ao centro da cidade. O meu espírito contemplava o meu ser enquanto ouvir a Antena 3 no dia seguinte e a SPSR no dia anterior...

Há um conflito interior em mim, que reflecte a relação entre corpo e espírito, entre desejo transcendência, que não ousa misturar essas duas áreas, esses dois domínios de existência, como se a essência ficasse fechada numa redoma e impedisse o Eu de se propagar, de se alastrar ao mundo e misturar-se com ele. Ainda assim, vou andando, de uma maneira ou de outra, com maior ou menor dificuldade. E não é que consigo? Estar aqui, estar ali, parecer, viver, são para mim aventuras minimais, mais do que mínimas. Não tenho uma vidinha, tenho uma vidona, ando por mim pela imaginação e o pensamento e o corpo fica ora para trás ora para diante dos meus sentimentos, das minhas ânsias e projeções.

Sim, sinto-me só, podia ter ido à Baixa, ainda que só e só estou, de uma maneira ou de outra e ainda assim tenho de superar os sentimentos de abatimento e olhar em frente, levantar-me mais uma vez, mais outra e olhar os outros de frente, porque não é vergonha alguma desejar, almejar ser feliz. Coço a cabeça, olha para a TV e ninguém me liga, mais uma vez. Olho para mim mesmo e procuro forças dentro de mim. Não farei já nada de extraordinário, a América está aqui, resistindo ao abatimento, à dor, à tristeza, fumando um ou outro cigarro e nesse dia nem sequer tocando em álcool. Porque não interessa, porque nas minhas voltas procuro estar ciente de que há mais vida além do turbilhão do EU, tentarei de novo amanhã, serei mais atento, regressarei com mais força depois de dormir uma sesta acordar atordoado e vão...

Eu não sou aquela pessoa que pareço. Parece que não sou. Pareço. Sou outra posso, cheia de demónios sexuais, de pústulas e excrescência na mente, talvez um monstro, talvez um predador. Só que não faço mal a ninguém. Apenas penso. E prossigo. Continuo, de uma maneira ou de outra, ainda que ser palmilhar grandes espaços. E é claro que naquele dia não iria à Missa. Talvez fosse um pouco à rua. Mas deixava-me estar, no meio dos meus demónios, da minha monstruosidade. Porque apenas penso, apenas desejo, Aqui e ali. Acolá. Além de mim mesmo, no ritual do Ser e da preponderância do corpo em mim, pedindo a Deus para estar perto de mim, porque já travei inúmeras batalhas e esta é mais uma. Ainda que ela não apareça, deixo-me estar. Bebo um pouco de Cola, fumo mais um cigarro. Até hoje não recorri a drogas, também, seria mais triste ainda, só e com drogas. Mas não, não recorri. Masturbei-me, vi filmes porno, estive com as mais diversas mulheres, ainda que de vez em quando e espaçadamente. Não me importa o meu rpestígio, quero ser feliz, ser eu mesmo, trocava a representação scoial pela felicidade, essa coisa que é difícil, complicado até, de agarrar, de possuir, talvez seja ela apenas a posse de um corpo que me escapa...

Vai levar muito tempo antes que aplaque esta raiva que tenho dentro mim, esta energia que sempre tive e que talvez tenha morrido na praia, ou não, tinha de ser assim e, foi trabalho e qualquer coisa de extraordinário está para acontecer, tenho de me pôr a jeito, é complicado aqui na Caverna, no casulo, no casinhoto, não tenho uma perspetva ampla sobre a floresta, apenas vejo uma rua, durante o dia e duos ou três janelas iluminadas lá para a noite, de quando em vez apareço o Chucho, um grande cão preto que olhar para mim ternuramente, compassivamente, um gato que aparece menos vezes a quem faço „fiuuu“, e de pessoas humanas, uma ou outra velhota e ou outra moça, que aparecem sempre que me sinto mais másculo, mais homem e não estou adstrito aos meus pensamentos inúteis e patológico, quando não sei que eles me permitie viver e que sem eles não há os outros, os úteis, os geniais... Assim é ser-se humano...

Eis como as coisas são relativas. Em dez minutos arranjei uma pessoa para viver comigo. Uma miúda com uma filha e que precisava de casa. Uma africana. São as melhores, mas ninguém quer reconhecer. Uma pessoa com quem falar simples e direto, ao coração, sem grandes efeitos ou parangonas, uma pessoa que percebe a linguagem do desejo, com ou sem compromisso.

A vida é, assim, feita de surpresas e Lisboa é pródiga nisso, há sempre pessoas, há sempre uma pessoa do lado de lá para nos ouvir, para se envolver connosco. Basta que tenhamos um pouco de orientação, sentido crítico e boa vontade...

Seja como fôr, arranjei uma tipa para tirar a barriga de misérias, por dois meses ou três. Sim, acho que vou descobrindo o segredo da felicidade... que não é definitiva, há que estar atento... Esqueço-me do meu mundo anquilosante e mergulho-me no corpo dela, na sua alma africana...

Estava chegando ao fim de mais uma narrativa, mas os atores, personagens, obviamente, não paravam de chegar, parece que se tinham guardados todos para o fim, como as flores. Pretendia, depois da conclusão desta obra, escrever mais livremente e à mão, no papel em branco, em vez de no écran em branco. Orientação e boa vontade não me faltavam, assim chegassem as ideias e os argumentos...

Sim, sentia-me ainda apagado aos meus, entre uma e outra mulher que amava, na solidão que procurava disfarçar a mim mesmo e prometi a mim mesmo parar de escrever, porque ainda não tinha um certo reconhecimento social que ambicionava ter nem me esfalfava por isso. Seja como for, continuava, num par de dias voltaria a ser livre, voltaria às voltas à Baixa, talvez uma corrida ou outra, enquanto deixava um pouco de fumar. Estivera com um miúda nessa noite, uma africana e, pela primeira vez, sentia-me não chegar para uma mulher, demasiado quente como ela era. Deixara de ir à Missa, ainda que tivesse vontade e não me faltassem os argumentos. A vida era assim, mais do que uma espera constante, uma busca intrépida de petróleo debaixo dos pés da alma...

Deixava-me estar no meu lugar. Como nada acontecia, nada podia acontecer-me. Apenas o tempo passando e voando sobre mim. Numa espera constante e as virinhas a doerem-me, mais um fim de semana de propósito para acabar um livro e ser livre...

Ao mesmo tempo, tinha saudades de Vermont, local onde me sentia em casa, onde ainda tinha amigos e, ao mesmo tempo, Lisboa não me aparecia tão assustadoramente estranha como antes, eu sabia que estava, desde há algum tempo, a partir do momento em que decidira ser feliz, há sensivelmente três anos, estava a trilhar um caminho novo, apesar de não viajar nem ter grandes palmas. Superar as cento e cinquenta obras, entre as literárias e científicas, as filosóficas. Na minha intimidade, era (ainda) feliz e creio que o seria mais, pois tinha preparado o caminho para a felicidade entrar... Seria um bom estudo etnológico, comparar Vermont a Alcamen..além da saturação antropológica havia mais qualquer coisa, diferente de ciência e filosofia...

Sim, ainda sentia bloqueios mentais, que derivavam em parte da doença, em parte da solidão. Outros era simples tolice e falta de carácter, falta já daquela força que tinha antes para lutar, umas vezes, relativizar, outras. Mas ia andando, por vezes sentia-me bastante mal e a minha relação com a cama piorara. Digamos que, face à escrita, praticamente não tinha vida social...

O friso do papel higienico repetira-se de um dia para o outro. Ela tinha o mesmo tipo de mente circunstancial do que eu, a dorava escuridão, como eu, porque de certo modo deixava mais espaço á imaginação, numa imagem bastante pouco clínica, talvez por saber que o amor é mesmo assim, lunar até mais não...

Assim, os momentos passavam, sucediam-se aos outros momentos, ou seja, o tempo atrás do tempo, atrás do vento, esgueirando-se atrás de uma esquina ou do outro lado da rua em Toulouse, não sabendo ele que vida tinha aquela beleza e o que mais temo e tenho saudades é das belas mulheres francesas.

A minha solidão de escritor num apartamento de Moscat fora interrompida por uma beleza negra que me fez sentir bastante homem, bastante carinhoso e competente para com uma mulher. Nem tomei banho e ele fez notar isso, mas tudo bem, eue esqueci ela esqueceu. No dia seguinte, estava quase derreado, mas ainda com potência para mais uma vez, pois foi tudo completo, mas, nestas como noutras coisas, o melhor é esperar um pouco e descansar o corpo, pedir-lhe ia para vir novamente a casa no dia seguinte ou na noite anterior, nesse dia, mas que seria tudo menos efusivo e louco como antes, conceito que era bastanet relativo e rebatível, pois foi o mais saudável do que sempre, talvez o melhor par de quecas que tivesse dado na vida. E...ah! Voltei aos beijinhos, à marmelada, embora com sabor a tabaco...

Sim, embora não tivesse arranjado compromisso, arranjara um bom par de fudas para mais de seis meses, até tirar a barriga de misérias elogo com uma preta, gira, redondinha, bem jeitosa e que beijava bastante bem. Eu, o eminente antropólogo africanista, estava definitivamente no mato!, no meio de duas ou três, como o Manu, com o machete na mão para afastar as segóvias e desbravar terreno nos campos elísios do saber erótico...

Eu tinha razão, quanto mais deprimido melhor (escritor). Entretanto, também fazia subir a minha carreira académica enquanto Investigador Independente e não tinha assim tanto acinto em dar aulas na faculdade, estava bem assim, ia vivendo o meu dia-a-dia a com ritmo, ao meu ritmo, como uma corrida que eu fosse gerindo sem pressas e sem grandes ilusões, embora elas fossem necessárias, bem como a imaginação, a sociológica e a subjectiva, pois o sonho comanda a vida, o homem e a mulher...obviamente...

Assim, estava como que numa época de libertação, mesmo em casa, a ver e ouvir a TV e nem sentia especialmente compelido a ir à Igreja, ver as beatas e o contemplar o *corpus christi* no sacrário...

Esperava ainda uma resposta de uma grande editora nacional a propósito de *Transe*. Mas havia juntado a tese, para a eventualidade de a quererem publicar, sem erros, resultado de uma exaustiva revisão. Pensava positivo, ser positivo, Ser Positivo, em grande, amplo, genérico, espontâneo, livre, os tempos estavam mesmo para isso, ainda que muitos tivessem inveja do meu talento, até dentro da carruagem do comboio. Se não me falavam, menos mal para mim, mais tento tinha para escrever e espaço para o fazer e mais ainda pensar...chegava pois a um ponto de liberdade e ia, a pouco e pouco, conquistando o meu lugar ao sol, na escrita, na vida, dentro de mim mesmo...

Sim, sabi que ia cehgar lá ainda hoje, a fim de ter um fim de semana mais descansado. Talvez ficasse no dia de amanhã um pouco mais na cama ou fosse nesse dia mais cedo para ela, viesse ou não a bela angolana. Não, não parecia, e miúda era mesmo gira e sabia bem o que eu queria, parecia que tinha um GPS no corpo. E beijava bem, estivemos nos meles bastante tempo antes de passarmos à acção, um pouco à bruta que é mais excitante...

Enquanto ouvir Simone de Oliveira na RTP memória, pensava no campo de milho de EntreVinhas, onde bricara com uma miúda na infância ou no curso de água do Estádio da Palha, para lá da escola secundária, onde andava com o Charréu e perdi uma oportundiade para ver miúdas nuas mesmo a sério, e despir-me também, na maior das inocências. Pensava no açude em que nos banhávamos no Outeiro, lá em Alcamen, depois de uma grande chuvada, igual àquela que acabara de acontecer janela fora no „meu“ pátio...

Deixemo-nos de trates, façamos amor, é o melhor remédio para as parangonas das patologias mentais, o afecto, o amor com jeitinho e carinho, em vez da doença de sexo que é a parafernália pornográfica do mundo em que vivemos, até à saturação de sentido, de conteúdo e explosões nos ecrãs domésticos e públicos, como se fossem bombas e a linha eléctrica o maior dos terroristas, os mentais, os sentimentais e os reais, até...

Entretanto, avançara o meu espírito criativo para um novo projeto online, o Médico da Cultura, um espaço de diálogo, quiçá um dia uma plataforma, de troca de conteúdo e mensagens sobre livros, música e cinema, para isso estava já adiantando o meu Inventário de PDF's.

Sim, estava chegando a uma outra dimensão, em que era homem que chegasse para uma qualquer mulher que me aparecesse, seja sob o ponto de vista sexual seja do ponto de vista emocional e afectivo. E, a não esquecer, o intelectual, que aliás parecia ser tanto mais aguçado quanto mais sexo praticava. EU sabia que essas duas coisas estavam em mim, intrínsecamente ligadas e, ela, dissera-me que eu era, mais do que giro, que é uma coisa, bonito, que é outra completamente diferente, ou seja, que a minha alma, que é ou não o meu rosto, conforme a situação e da parte de quem olha, era uma alma bonita...

As Calças não fazem parte de uma cultura do sujo, do porco, da matança do porco, vê o teu corpo no teu porco, e especialmente se estiver pendurado no alçapuz e com as tripas de fora. Nem tão pouco são as calças que mudamos todos os dias por mór de representação, imagem, tudo o mais que nos preocupa excessivamente e que queremos esquecer, ou seja, depois de termos o nosso lugar ao sol, deixarmo-nos de mesquinhices e termos cada vez menos paciência, em certo sentido, com nós mesmos, ainda que saibamos que a paciência pode ser tão amiga quanto inimiga do desejo...

Portugal e Espanha. Portugal e a França. A Espanha e a França. Três nações na minha cabeça, na minha memória, nas minhas pessoas, três tipos de sangue em mim, como nos meus irmãos edecerto e em mais alguns. Sim, é o Carlos Paulo aquele que mais admiro e o Borges, também, talvez vá este fim de semana Vê-lo ao Auditório Mário Viegas... E fic-me por aqui, guardo-me para outros cenários, outras andanças, outros personagens...